

N. Falcione & C.^{ia}

S. PAULO  Rua S. Bento, N. 65

| | | |
|--------------------|-----------------------|-------|
| PUIGGARI - BARRETO | 1.º livro de leituras | 1.500 |
| » | » 2.º » » » | 2.000 |
| » | » 3.º » » » | 2.500 |

a seguir 4.º e 5.º —

| | | |
|---|--|-------|
| ARTHUR THIRÉ - | Geographia elementar | 2.000 |
| » | » Arithmetica dos Principiantes | 1.500 |
| » | » Cartilha infantil | 500 |
| ARNALDO BARRETO - | Leituras moraes | 1.500 |
| » | » Cartilha das mães | 1.000 |
| JOÃO KÖPKE - | 1.º livro de leituras | 1.500 |
| » | » 2.º » » » | 2.000 |
| » | » 3.º » » » | 2.000 |
| » | » 4.º » » » | 3.000 |
| » | » 5.º (Florilegio Contemporaneo) | 4.000 |
| » | » Fabulas | 1.500 |
| » | » Leituras Praticas | 2.000 |
| ARNALDO BARRETO E RAMON ROCA — | | |
| | Cadernos de Cartographia, coloridos, collecção de 6 cadernos, cada | 1.000 |
| | Novissimo methodo Francez por um professor | 2.500 |
| JULIO RIBEIRO - | Grammatica Portugueza | 5.000 |
| » | » da Puericia | 1.500 |
| Calligraphia Brasileira, collecção de 5 cadernos, a 200 cada um — | | |

RUA SÃO BENTO, 65

S. PAULO

S. PAULO—BRAZIL

AGOSTO DE 1905

ANNO IV

REVISTA DE ENSINO

ORGAM

DA

ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE

DO

PROFESSORADO PUBLICO DE SÃO PAULO

PUBLICAÇÃO BI-MESTRAL

NUMERO 3



SÃO PAULO

TYP. A VAPOR HENNIES IRMÃOS — RUA DO RIACHUELO NS. 14 E 16

1905

EXPEDIENTE

Toda a correspondencia relativa á Revista de Ensino deverá ser dirigida ao seu redactor-secretario — Isidro Denser — ou ao presidente da Associação, á rua de Santa Thereza n. 28.

CAIXA DO CORREIO, 183

Educação auctoritaria e educação scientifica

Ha dois modos fundamentaes de chegarmos á aquisição de uma verdade: ou a intelligencia a recebe por imposição de outrem, ou se eleva á comprehensão della por esforço proprio.

Sabemos, por exemplo, que no vacuo todos os corpos cahem com igual velocidade. Existe em tal facto uma relação de successão entre um corpo qualquer abandonado no vacuo e a igual velocidade que notamos em sua queda. O nosso espirito pode chegar ao conhecimento dessa relação, recebendo-a, passivo, da auctoridade de outros e tambem, seguindo caminho diverso, observaremos a queda de diferentes corpos sujeitos á resistencia do ar, as velocidades que adquirem, si estas variam com a natureza de cada um delles, as modificações que se observam quando cahem no vacuo e enunciaremos por fim a proposição que synthetisa o facto.

No primeiro caso, a noção é imposta pelo auctoritarismo alheio; no segundo, é construida por impulso espontaneo do proprio individuo; no primeiro, applica-se um processo inherente ao methodo impositivo e á educação auctoritaria: no segundo, emprega-se um processo essencial ao methodo espontaneo e á educação scientifica.

A distincção que acabamos de fazer se manifesta em qualquer especie de educação, physica, intellectual e moral, assim como em qualquer das phases por que passa o educando.

Supponhamos que se trata de saber, em educação physica, quando e como se deve ensinar a andar ás crianças.

Quem adopta o systema impositivo de educação, não hesitará em aconselhar ou empregar *andadeiras*, imaginando que a creança anda, quando de facto os seus pequenos pés não fazem mais do que roçar a terra ou o assoalho e dar algumas topadas que lhe doem, sendo, de quando em quando, arrastada suspensa pelos braços a um collar de pau ou de ferro que assenta sobre rodas.

Dirigida, entretanto, pela educação scientifica, qualquer pessoa diria que assim não se ensinará uma creança a andar, porque ella só conseguirá desenvolver-se regularmente com o livre exercicio de suas faculdades physicas.

A educação auctoritaria não se oppunha a que, na escola, os alumnos permanecessem sentados, a estudar ou fingir que estudavam durante 3 ou 4 horas. A educação scientifica vem demonstrar que, sendo *vida* na creança a actividade, pois constitue uma condição essencial do seu desenvolvimento physiologico, ella a custo soffre o constrangimento.

Cumpra, por isso, variar-lhe os trabalhos de modo que, depois de uma occupação relativamente curta, menos de uma hora, haja logo uma diversão que lhe descance o corpo e o espirito.

Quando se passa ao desenvolvimento intellectual, a differença entre os dois systemas educativos é iniludivel desde a leitura elemental. Com effeito, o *impositivo* ou *auctoritario* martyrisava uma pobre creança durante longos mezes com o *b, a, ba, o c, a, ca, o x, a, xa*, e por ahí alem; a torturava durante outros

tantos mezes com a ligação de syllabas, igualmente sem attractivo e sem significação, para afinal, quando tão cedo já se sentia cansada e aborrecida de estudar, fazel a comprehender algumas palavras.

Muito mais rápida e hygienica para o espirito é a aprendizagem da leitura pela palavrção e syllabação simultaneas.

No estudo de qualquer idioma, o systema auctoritario deixa a memoria do alumno saturada de regras e definições abstractas, que, quando passam a ser applicadas, são mal comprehendidas ou falseadas ou de utilidade muito problematica.

O systema espontaneo parte da observação e comprehensão dos factos da linguagem para as definições e as regras, muito pouco exigindo da memoria.

Quando se considera a educação moral, mais sensivel ainda se torna a differença que temos indicado.

A educação auctoritaria impõe á vontade preceitos, maximas e regras de procedimento. Sendo estas transgredidas, as sanciona por meios repressivos ou violentos e, na mór parte das vezes, contraproducentes, por isso que levam o educando a habituar-se com a astucia e a hypocrisia.

A educação scientifica faz desde loge a creança comprehender que a sancção moral é a consequencia natural do seu procedimento.

«Quando uma creança cai ou fere a cabeça contra uma mesa, soffre uma dôr, cuja lembrança faz com que ella seja mais cautelosa; e pela repetição de taes experiencias vai-se opportunamente disciplinando na ordem dos seus movimentos.

Si tocar na barra incandescente de um fogão, si chegar com a mão á luz de uma vela ou derramar agua a ferver em qualquer parte da pelle, a queimadura resultante será para ella uma lição que difficilmente esquecerá.

A impressão assim produzida por dois ou tres casos deste genero será

tão profunda que nenhuma persuasão poderá dahi em diante fazel a esquecer as leis que regem o seu organismo.

A consequencia do seu procedimento ensina a verdadeira theoria e pratica da disciplina moral (Spencer). »

Certo que se não podem tomar taes conceitos em sentido absoluto, mas apenas como simples indicação dos meios a empregar para conseguir-se a educação moral espontanea e efficaaz.

Tratando-se de adultos, aos *habitos* adquiridos por processos espontaneos durante a infancia, junta-se a *previsão*, que, caracterizando qualquer sciencia, tambem caracteriza a sciencia moral.

O adulto facilmente estudará a evolução da *conducta* e conseguirá determinar a melhor sob o ponto de vista ideal e a melhor na actualidade. Elle comprehenderá tambem que as regras relativas á *conducta* se deduzem das condições necessarias ao completo desenvolvimento da vida no estado social; que affirmar que o homem não pôde discernir o bem do mal equivale a negar tacitamente toda a relação natural entre os actos e seus resultados.

E convem notar-se que, á similhaça do que acontece relativamente á educação physica e á intellectual, o systema impositivo e o scientifico levam o educando, em grande numero de casos, a conclusões diametralmente oppostas.

De accordo com este, é immoral tratar o corpo de modo a diminuir a plenitude ou o vigor de sua vitalidade. De conformidade com o *impositivo*, é de boa moral mortificar a carne para melhorar a alma. As religiões inferiores até sustentam que uma vida cheia de dôres é agradavel aos deuses.

Nada mais natural, portanto, que os seus sectarios se sintam satisfeitos com os soffrimentos de seus semelhantes e estejam convencidos de praticarem assim um acto de alta moralidade.

QUESTÕES GERAES

Onde o estimulo ?

Pretende-se que o professor primario seja um *sacerdote*, abnegado até a miseria, desprendido completamente de todo o movimento progressivo da sociedade, para dedicar-se unica e exclusivamente á educação da infancia.

E' inconcebivel que haja ainda individuos que assim pensem, neste seculo de positivismo, em que o idealismo piegas de remotas éras só pode alimentar a phantasia dos nesios !

Tartufos é que são esses individuos !

Incontestavelmente, o professor, o educador, deve alliar a uma solida instrucção profissional as boas qualidades moraes, taes como firmeza de caracter, força de vontade, bons sentimentos, etc., requisitos indispensaveis para bem desempenhar a sua nobilissima função social.

Mas, sendo elle um ser humano, não pode furtar-se ao dominio das leis biologicas e ás multiplas exigencias do meio social; d'ahi a necessidade do estimulo e da remuneração compensadora a esses que tão assignalados serviços prestam á sociedade. Não queremos, com isso, dizer que se transforme o magisterio publico em uma carreira pecuniariamente lucrativa, mas desejamos que o professor seja condignamente retribuido e que o cerquem das garantias imprescindiveis para que elle possa, sinão aperfeiçoar, ao menos conservar intactos os prediados moraes reclamados pela natu-

reza do seu ministerio, afim de exercer proveitosamente a sua missão, sem temer as ameaças, as perseguições e intrigas sordidas de audaciosos e caricatos chefes politicos; desejamos que os seus vencimentos sejam augmentados proporcionalmente ao tempo de exercicio, de modo a equilibrar as despezas do lar, que se elevam com a constituição da familia, pois que o professor, mais do que qualquer outro profissional, tem absoluta necessidade de a constituir; queremos que se faça do magisterio publico uma carreira, em que a promoção aos cargos de inspector escolar, de membro do conselho superior, de director do ensino publico e de outros que a lei estabelecer neste ramo da publica administração, proporcione, sem retrocesso ou interinidade, aos professores mais dedicados e já encanecidos na ardua tarefa de instruir e educar a infancia trabalhos mais suaves e compensadores nos ultimos tempos de sua existencia.

Não é exaggerada nem tão pouco inexequivel a nossa aspiração, uma vez que na magistratura e no funcionalismo publico já estão estabelecidas as promoções e com ellas o augmento gradativo dos vencimentos

A profissão de instruir e educar não é menos nobre do que a do julgador, e si este não pode bem desempenhar a sua função social sem uma relativa independencia, muito menos o professor poderá incutir

noções de moral e civismo nos seus discípulos para formar bons caracteres e cidadãos dignos deste nome, si não estiver ao abrigo das investidas traiçoeiras dos elementos corruptores do meio em que vive.

As garantias a que aspira a maioria do professorado publico, ou antes, a minoria pensante e consciante, não podem nem devem, sem duvida, ser consideradas absolutas; por meio de processos disciplinares e pela applicação gradual das penas facilmente se eliminarão do magisterio publico os professores reconhecidamente-relapsos no cumprimento de seus deveres e, bem assim, os que no fim de alguns annos de exercicio não revelarem as aptidões necessarias.

Vejamos, agora, si a lei n. 930 de 13 de Agosto de 1904 veiu satisfazer essas aspirações. Admittindo mesmo a hypothese de ter sido dictada pela mais pura intenção do inspirador de suas disposições, não faltaremos á verdade affirmando categoricamente que é ella a negação perfeita das medidas reclamadas pelo professorado.

Os vencimentos foram diminuidos. O professor, depois de 3 annos de exercicio em escola isolada, poderá ser nomeado adjunto de grupo escolar; com 2 annos de exercicio neste, estará apto para occupar a directoria, que é o pinaculo da carreira, ou melhor, da *corrida*, como

muito acertadamente disse um nosso illustrado collega em artigo inserto na *Platêa*.

Depois de 5 ou mais annos do magisterio, si o director do grupo, por qualquer circumstancia, incorrer no desagrado de algum chefe politico, será dispensado incontinenti pelo governo (art. 22 do Reg. da lei citada) e voltará ao ponto de partida de sua invejavel carreira—a escola isolada—isso mesmo si a verba para o provimento destas escolas não estiver exgottada e possuir elle um caracter bastante flexivel para implorar a condescendencia dos deuses olympicos.

Os directores e adjuntos de grupos escolares podem ser, pelo mais futil motivo, livremente removidos, de um dia para outro, pelo governo, que apresentará como pretexto legal a conveniencia do ensino (art. 28 do Reg. da mencionada lei).

Em resumo: os professores são muito mal remunerados, estão coagidos por uma disciplina de quartel, sujeitos á vontade arbitraria ou despotica dos dominadores politicos, sem garantias no exercicio da sua profissão, descrentes e preoccupados com o dia de amanhã, e, como consequencia, só aguardam a oportunidade para abandonar o magisterio publico e seguir outra profissão em que encontrem mais estímulos e menos dissabores.

D.

PEDAGOGIA PRATICA

Arithmetica

Continuamos, no presente numero, a transcrever o que ha de mais interessante para os nossos leitores na arithmetica escripta pelo professor cearense Odorico Castello Branco. O theorema infra demonstrado é ainda um caso particular do da algebra: o resto da divisão de um polynomio inteiro em x por um binomio da fórma $x-a$ é o que se obtem substituindo x por a no polynomio.

THEOREMA.— O resto da divisão de uma potencia qualquer da base de um systema de numeração por um divisor igual á base mais x é uma potencia de x do mesmo gráu da potencia da base.

Este resto será additivo si o gráu da potencia fôr par; e subtractivo no caso contrario.

Seja B^m uma potencia da base B de um systema de numeração; dividindo B^m por $B+X$, tem-se

$$\begin{array}{r}
 B^m \\
 \underline{- B^m - x B^{m-1}} \\
 \quad \quad \quad - X B^{m-1} \\
 \quad \quad \quad \quad \quad + X B^{m-1} + X^2 B^{m-2} \\
 \quad \quad \quad \quad \quad \quad \quad \quad + X^2 B^{m-2} \\
 \quad - X^2 B^{m-2} - X^3 B^{m-3} \\
 \quad - X^3 B^{m-3} \\
 \quad + X^3 B^{m-3} + X^4 B^{m-4} \\
 \quad + \dots
 \end{array}
 \begin{array}{r}
 B+X \\
 \hline
 B^{m-1} - X B^{m-2} + X^2 B^{m-3} - X^3 B^{m-4} + \dots
 \end{array}$$

Examinando este resultado, vê-se que o expoente de B vai diminuindo de uma unidade de resto a resto, e emquanto elle não se annullar, poderemos continuar a divisão, pois que o expoente de B no divisor é 1.

Além disso, emquanto decresce o expoente de B , cresce o de x e a somma dos dois expoentes é sempre m ; o que quer dizer que $X^m B^0 = X^m$ será o resto da divisão. Cumpre ainda notar, examinando os restos successivamente obtidos, que elles trazem o signal + ou o signal - segundo as potencias de x são de gráus pares ou impares, isto é

$B^m = (B+x) Q \pm X^m$; + si a potencia é par e - si é impar.

Tomemos agora um numero N , representado no systema de base B . Este numero pôde ser decomposto em suas unidades de diversas ordens; e para mais facilidade admitamos que $a, b, c, d, e, \dots, k, l$, representam respectivamente unidades de 1.^a, 2.^a, 3.^a, 4.^a... ordens. Temos então:

$$l k \dots e d c b a = a + b.B + c.B^2 + d.B^3 + e.B^4 + \dots + k.B^{m-1} + l.B^m$$

onde deve ser $B=(B+x)-x$; $B^2=(B+x)q+x^2$; $B^3=(B+x)q'-x^3$; $B^4=(B+x)q''+x^4$... $B^{m-1}=(B+x)Q \pm x^{m-1}$; $B^m=(B+x)Q' \mp x^m$

O duplo signal das duas ultimas egualdades quer dizer que será tomado o signal + si o expoente fôr par e o signal - no caso contrario.

Fazendo as substituições, achase:

N=a+b [(B+x) - x] +c [(B+x) q+x^2] +d [(B+x) q'-x^3] +e [(B+x) q''+x^4] +... k [(B+x) Q+x^{m-1}] +l [(B+x) Q'+x^{m-1}]

Effectuando e representando por M (B+x) a somma de todos os multiplos de (B+x), obtem-se

N=M(B+x) + (a-bx+cx^2-dx^3+ex^4... +kx^{m-1}+lx^m) =M(B+x) + (n-p)

representando n a somma dos productos additivos e p a dos subtractivos.

O numero dado acha-se deste modo decomposto em duas partes, uma das quaes é um multiplo de (B+x) e a outra a differença (n-p); e

entre a somma dos productos dos algarismos de ordens im- pares e a somma dos produ- ctos dos algarismos de ordens pares.

Quando a differença (n-p) fôr um numero negativo, pro- cede-se como já ficou indicado.

APPLICAÇÕES

DIVISOR 11=10+1

Seja 43829 o numero dado; tem-se

43829=M11+(9-2.1^1+8.1^2-3.1^3+4.1^4) =M11+(9-2+8-3+4) =M11+(21-5)=M11+16

O resto da divisão de 43829 por 11 é 5, resto da divisão de 16 por 11.

Seja ainda 9283 o numero dado; tem-se

9283=M11+(3-8.1^1+2.1^2-9.1^3) =M11+(3-8+2-9)

DIVISOR 4

Temos para o divisor 12,

2938=M12+(8-3.2^1+9.2^2-2.2^3)

Ora, todos os termos encerrados no parenthesis são multiplos de 4, excepto os dois primeiros que poderiam deixar de o ser; e então, representando por a o algarismo das unidades e por b o das dezenas do numero N, teremos:

N=M4+(a-2b)

O resto da divisão de um numero qualquer por 4 e o que se obtem dividindo por 4 o algarismo das unidades diminuido do dobro das dezenas.

DIVISOR 13=10+3

Seja 2839; tem-se

2839=M13+(9-3.3^1+8.3^2-2.3^3)

mento. O termo é tambem usado para nomear o acto de attender.

Sendo apenas o energico estado de uma ou muitas faculdades, não se pode confundir com qualquer dellas.

Ha tres especies de attenção: voluntaria, involuntaria e expectante - todas igualmente dignas de cuidadoso estudo dos professores.

Attenção voluntaria é aquella em que a vontade dirige as faculdades para um objecto a ser considerado.

A vontade pode não só despertar as faculdades de uma indifferente condição, mas ainda as desviar da consideração de um para outro objecto. Assim é, por exemplo, que podemos desviar o nosso espirito da observação de uma bella tarde de primavera para attendermos a uma lição que temos de estudar.

Attenção involuntaria é aquella em que o espirito é attrahido pelo

SALVE! PATRIA! (poesia), de ALBERTO DE SOUZA.

DIVERSOS

ABRIR ESCOLAS E FECHAR CADEIAS - A INSTRUÇÃO e o crime

CONFRONTO DA LEI 88 COM AS QUE SUCCEDEM NA ORGANIZAÇÃO DO ENSINO

CHRONICA EXTRANJEIRA

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

NOTICIARIO

ANNUNCIOS

por potencias pares de x e os algarismos de ordens pares são multiplicados por potencias impares, isto é, os productos dos algarismos de ordens impares são additivos e os de ordens pares são subtractivos. Do exposto se conclue que

O resto da divisão de um numero N escripto no systema de numeração da base B por um divisor (B+x), é o que se obtem multiplicando cada algarismo do numero dado por uma potencia de x de grau igual ao numero de ordens inferiores á do algarismo considerado e dividindo por (B+x) a differença

A resto da divisão de 2938 por 12 é 10, resto da divisão de 22 por 12.

Para o numero 8392, tem-se

8392=M12+(2-9.2^1+3.2^2-8.2^3) =M12+(2-18+12-64) =M12+(14-82)=M12-68

O resto da divisão de 68 por 12 é 8, e o da divisão de 8392 é 4, differença entre 8 e o divisor 12.

DIVISOR 6

Por este mesmo modo poder-se-ia determinar o resto de uma divisão por qualquer dos divisores de 12, sem vantagem alguma, entretanto, salvo para o divisor 4.

visão de 7486 por 13 é 13-2=11. O mesmo processo de decomposição poderia ser applicado aos divisores maiores do que 13; porém, sem vantagem, por serem numeros muito elevados as potencias successivas de x. Applicado ao divisor 14, daria nova regra para o divisor 7.

PSYCOLOGIA

A Attenção

A attenção é a condição do espirito em que a energia de uma ou mais faculdades se dirige para um objecto dos sentidos ou do pensa-

mento, tanto quanto mes for possível, attractivos os exercicios. Tanto as creanças como os adultos não podem, contudo, supportar por muito tempo a attenção. O poder de conservar o espirito applicado com firmeza a uma certa especie de trabalho durante longo lapso é caracteristico dos intellectos superiormente adestrados e disciplinados e até se considera como apanagio dos homens de genio.

A qualquer pessoa será facil fazer a experiencia, procurando manter-se attenta, por exemplo, durante meia hora, a uma cousa em que não tenha interesse, ou que lhe não desperte a curiosidade. Está nisso a razão principal de todo o ensino objectivo.

De modo synthetico: não pode haver, sem attenção, ensino effectivo,

especialmente tratando-se de creanças; estes não *attendem* sinão ao que lhes *interessa*; não ligam interesse ás *abstracções*, mas ao que podem vêr e tocar. Mais concisamente: não ha proveitoso ensino sem *atenção*; não ha *atenção* sem *interesse*; não ha interesse sem *objectos*. O argumento tem plena applicação em todas as phases por que passa o estudante, desde o *jardim da infancia* até ás escolas especiaes e universitarias, como em parte demonstram os laboratorios, museus, mappas, pinturas, etc., nellas existentes.

Sem illustrar a exposição, nenhum professor ensinará bem, exactamente pelo mesmo motivo que o não conseguirá um especialista em chimica sem um laboratorio.

O facto pode ser observado tambem na vida pratica

Assim é que ninguém conseguirá fazer de um homem que se não interessa nas transacções de compra e venda ou que não é attrahido pelos methodos empregados nos multiplos negocios da Bolsa, um commerciante ou um corretor.

De uma pessoa que só se interessa pelos preços e os estados do mercado, não se pode esperar um individuo que seja bem succedido consagrando-se a uma profissão liberal.

O ensino é quasi inteiramente perdido quando as classes não se acham attentas. E' de notar, todavia, que muito pouco valor tem a *atenção* á custa de imposições ou constrangimentos, por isso que, em tal caso, as circumstancias obrigam o alumno a parecer o que não é.

Pode-se empregar a *atenção* em mais de uma coisa ao mesmo tempo. Cantar e acompanhar, ensinar e manter a ordem nas diversas classes e milhares de outros factos, diariamente nos mostram que é possível ao espirito occupar-se a um tempo com differentes cousas.

Dizem que Cesar dictava simultaneamente sete cartas. Tem-se affirmado que um habil tachygrapho com uma das mãos acompanha o orador e com a outra escreve por extenso o discurso. Mas, é fóra de

duvida que a *intensidade* da *atenção* diminue com o numero e a variedade dos objectos a que se *atende*. A mais effectiva *concentração* do pensamento exige que se limite, tanto quanto possível, o campo da visão mental e que nitidamente se apresentem ou se figurem os objectos a considerar.

O professor só deve empenhar-se, por isso, em que poucas cousas sejam estudadas ao mesmo tempo, devendo preferir as que apresentam evidentes e simples relações.

O assumpto será exposto á classe *seguidamente*, de sorte que a *atenção* não se *diffunda* ou não se *enfraqueça*.

Cultivada com persistente pratica, a *atenção* torna mais viva a consciencia, mais intensas as impressões; fixa os objectos na memoria e concorre para que sejam mais productivos os trabalhos physicos e os mentaes.

Tudo o que fortalece a *vontade*, augmenta a capacidade de *atender* e de conservar o espirito preso a um determinado genero de trabalho intellectual.

Parecem-nos proficuas as seguintes regras:

1) Sempre que fôr possível, toda idéa nova deve ser *objectivamente* levada ao conhecimento do alumno.

2) Em um dado exercicio, não apresentar muitas idéas novas. A *intensidade* da *atenção* está na razão inversa da sua *extensão*.

3) Fallar com clareza, de modo a fazer o alumno entender que uma ou outra vez se repisa um assumpto ou se repete uma explicação.

4) Propor a questão á classe em geral e só depois nomear quem a deve responder.

5) Tornar attractiva a exposição ou a explicação, procurando despertar a curiosidade.

6) Coordenar as idéas e os raciocinios num encadeamento logico.

7) Não exigir do alumno muita tensão de espirito, afim de evitar que o cansaço o impossibilite de acompanhar a exposição ou explicação.

Notas de Portuguez

PARTE II

MORPHOLOGIA PORTUGUEZA

I

Morphologia. — Seu objecto; sua divisão. — A etymologia; sua inutilidade. — Classificação das palavras; partes do discurso: seu numero; controversias. — Classificação baseada na natureza das idéas: tres ordens de idéas, tres ordens de palavras — nomes, verbos e particulas. — Suas subdivisões.

Da mesm'arte que a PHONOLOGIA trata dos sons dos vocabulos, a MORPHOLOGIA estuda as fórmas das palavras. Este termo — MORPHOLOGIA — sem duvida é superior ao de ETYMOLOGIA para representar a segunda parte da Grammatica. Elle é empregado com maior propriedade nesse particular e sobretudo tem o poder systematizador capaz de conter nos limites de suas attribuições as quatro partes, que lhe são componentes. Seu objecto, pois, é a fórma da palavra em si; fórma flexional ou não; primitiva ou derivada; oral ou graphica.

Em summa:

MORPHOLOGIA É A PARTE DA GRAMMATICA QUE TRATA DAS FÓRMAS DAS PALAVRAS.

Em primeiro logar ella trata da classificação das palavras; em segundo de suas flexões; em terceiro de sua derivação e em quarto, finalmente, de suas fórmas graphicas. Taxeonomia, Kampeonomia, Etymologia e Orthographia — eis respectivamente os nomes dessas differentes partes da Morphologia. A terceira parte da Morphologia — a Etymologia — é um estudo tão difficil, quão inutil. E avançaremos mais, esse estudo só poderá ser feito baseado em hypotheses mais ou menos metaphysicas. E sinão vejamos: A palavra nasceu com os primeiros passos da linguagem, em

8) Variar o questionario, fazendo o alumno perceber que se acha exposto a ser chamado, a corrigir ou completar uma resposta deficiente.

9) Variar os methodos de exposição.

10) Surprehender os desattentos com inesperadas perguntas.

11) O professor deve deixar de parte a exposição tal como se acha escripta nos livros e fazel-a de modo que prove estar senhor do assumpto de que trata.

Quanto á *atenção expectante*, podemos definil-a, dizendo que é a *condição em que o espirito permanece ligado a alguma coisa que é esperada, porque se teme ou se deseja*.

Carpenter, que considera sob este aspecto a *atenção*, a define como uma condição em que todo o espirito é dominado pela idéa de que certa acção ha de succeder, sendo anciosamente dirigido para as indicações de sua occorrença.

Fixando qualquer pessoa a sua *atenção* com apprehensivos temores nos symptomas de uma molestia, frequentemente observamos que poderá ser impellida a tanta exaggeração que a enfermidade por fim se manifesta em uma parte do corpo antes perfeitamente san. Tal é a intima e peculiar conexão existente entre os estados mentaes e os estados physicos que um organo qualquer — o estomago, a cabeça, os dentes, o pé — responderá a uma fixa expectativa com o soffrimento imaginado.

Na vida pratica se apresentam muitos casos que não são mais do que consequencias da *atenção expectante*. Entre outros, lembraremos o das *pílulas de miolo de pão*, em que o enfermo, concentrando as suas faculdades na efficacia de um medicamento que de facto não existe, obriga o organismo a voltar ao estado normal.

cujas primeiras evoluções a escripta considerava-se uma utopia. Portanto, ninguém poderá scientificamente indicar a origem da maioria das palavras empregadas na linguagem. O estudo da origem das cousas é de pouco ou nenhum proveito ao bem estar social. E' preferível indagarmos do COMO das cousas a procurarmos saber do PORQUE, visto elle ser inverificavel na maioria dos casos e de uma inutilidade pasmosa!

A vida se vae tornando cada vez mais limitada, cada vez mais curta, de sorte que não vale a pena perder-se o precioso tempo de existencia com cousas de nenhum valor para o bem commum. E para que se ir arrancar do seu retiro ignorado os bonds da Viação, si deslisam rapidamente pelas nossas pittorescas avenidas os carros da LIGHT? E depois não é verdade que entre as auctoridades, entre os philologos, se tem suscitado questões sobre a origem desta ou daquella palavra? Qual estará com a verdade, qual elaborará em erro? Que Julio Ribeiro falleceu na cidade de Santos não resta a menor duvida; e, no emtanto, já ha quem asseverar que esse luctuoso acontecimento se passou na Capital de S. Paulo!

Assim como os phenomenos phisicos ou chimicos se classificam em varias categorias, segundo as suas respectiyas naturezas, assim tambem as palavras estão sujeitas aos mesmos principios.

O antigo grammatico Quintiliano, dividia a grammatica em tres partes: nome, verbo e conjuncção. Esta divisão da grammatica, visivelmente erronea, tem a virtude de mostrar que já na antiguidade se concebia a divisão deste ramo da sociologia em tres partes e deixa ante a classificação das palavras em tres categorias: nomes, verbos e particulas.

PALAVRA É O CONJUNTO DE FÓRMAS ORAES OU ESCRIPTAS COM QUE EXPRESSAMOS NOSSAS IDÉAS E SENTIMENTOS. Ha tres ordens de idéas: idéas referentes ás cousas e suas qualidades; idéas referentes as re-

lações entre as cousas e as qualidades e idéas que exprimem a existencia dessas relações. Dahi a taxonomia das palavras em tres categorias: a) NOMES, compreendendo as palavras que designam cousas e qualidades e seus limites; b) PARTICULAS, nome generico das palavras que exprimem relações; c) VERBO, abrangendo as palavras que mostram a existencia das relações. A noção de NOME abrange — o SUBSTANTIVO, o PRONOME e o ADJECTIVO; a de PARTICULA — o ADVERBIO, a PREPOSIÇÃO, a CONJUNÇÃO e a INTERJEIÇÃO e a de VERBO, finalmente, o proprio — VERBO.

Portanto as palavras empregadas no discurso se classificam em oito especies, a saber: SUBSTANTIVO, ADJECTIVO, PRONOME, VERBO, ADVERBIO, PREPOSIÇÃO, CONJUNÇÃO e INTERJEIÇÃO.

Esta é a classificação adoptada por S. dos Reis e perfilhada por Silva Jardim. O erudito philologo Julio Ribeiro, entretanto, exclue desse numero a INTERJEIÇÃO, preenchendo a vaga com o ARTIGO, que para Sotero e Jardim não passa de um simples adjectivo, que se antepõe ao substantivo para particularizar-lhe a significação, imitando-o de um modo particular; ou de um modo generico. Nas sentenças — *o tinteiro é bom; o homem é mortal*, observa-se perfeitamente a função do artigo. No primeiro caso elle particulariza a significação do substantivo tinteiro, familiar a quem affirma nelle existir a qualidade de ser bom; no segundo elle equivale ao indifinito TODO, exprimindo a idéa de genero no sentido de generalidade, pois a sentença pôde ser substituida por esta — *todo homem é mortal* ou *o genero humano é mortal*.

O PARTICIPIO por seu turno que muitos grammaticos, consideravam como uma das partes do discurso, elevando assim o seu numero a dez, contando com o ARTIGO — não passa de um simples adjectivo, porque admittindo elle flexão de genero em certos casos, não pôde ser conside-

rado fôrma verbal, como querem outros.

O artigo e participio não tendo função especial não devem determinar novas categorias de palavras. O artigo não indica nem genero e nem numero, porque estes caracteristicos pertencem aos substan-

tivos com os quaes as outras palavras concordam.

Silva Jardim, pois, considerava o ARTIGO e o PARTICIPIO verdadeiros adjectivos. Ao primeiro elle chamava ADJECTIVO ARTICULAR e ao segundo ADJECTIVO PARTICIPIO.

LUIZ CARDOSO.

Capital, 15 - XI - 905.

INSTRUÇÃO CIVICA

Os grandes vultos da humanidade

As individualidades, que n'um momento dado na vida dos povos apparecem corporificando as idéas e sentimentos que encontram no meio em que vivem, e por talento, ambição ou poder material as desenvolvem, facilitando-lhes a expansão pela direcção intelligente que lhes imprimem, assumem perante os seus contemporaneos e as gerações futuras uma posição eminente, concentrando em si todas as atenções, com esquecimento completo da collaboraço collectiva que tiveram.

D'ahi vem o facto de se lhes attribuir a felicidade das nações, os beneficios da cultura moral e intellectual dos povos, os feitos heroicos e dar-se-lhes não poucas vezes a virtude de se terem adeantado ao seu tempo, pretendendo-se affirmar que entre essas individualidades, chamadas—grandes homens—e a sociedade em que viveram, nenhuma affinidade de ordem moral ou intellectual existia e terem sido ellas que por qualidades excepcionaes de genio conceberam e pregaram idéas que só em seculos futuros poderiam ser bem comprehendidas.

Todo individuo reflecte a seu tempo, é um producto do meio: não retrocede, nem se avanta a elle expondo doutrinas ou realisando empezas para as quaes não encontrasse o necessario preparo.

O que acontece é que muitas vezes se acham as idéas em estado latente e os sentimentos ainda confusos: umas e outras recebem então

d'elles a orientação propria e desdobram-se, apresentando-se nitidamente. A parte que cabe n'esse processo aos—grandes homens—é a do incitamento que elles communicam as cousas, cuja indole comprehenderam e por ellas foram influenciados e que se apresentam, tendo em apparencia uma face nova, por esse impulso que aguardavam para a sua eclosão.

Não é sem duvida destituída de significação social e politica, conforme a natureza dos factos, a acção exercida por essas individualidades superiores: affirmamos apenas que elles encontraram no meio social e de cultura os elementos sobre os quaes assentaram a sua actividade. A evolução operava-se: ellas a continuaram

Phenomenos de ordem diversa podem determinar a interrupção da marcha progressiva d'esses factos em elaboração e a sua influencia prolongando-se por muito tempo, serem desviadas para outro terreno a attenção dos contemporaneos e a acção da sociedade.

Reatada mais tarde a marcha interrompida, ás vezes em seculo e até povo differente, e realisado o ideal da epoca anterior, não raro succede suppor-se que os personagens que n'ella figuraram proseguindo na evolução que se operava, adiantaram-se ao seu tempo, quando não foram outra cousa senão representantes d'elle.

Essa mesma interrupção é uma affirmação da influencia mesologica:

—influencia diversa, diverso resultado.

Assim, pois, os grandes homens, os grandes vultos da humanidade, são individuos que encarnaram em si as tendencias, aspirações e sentimentos da sua epoca e pela acção que desenvolveram no interesse da civilisação, se tornaram dignos da admiração universal.

D'este conceito decorre que não são os grandes homens que formam os grandes acontecimentos, mas sim as idéas e tendencias das differentes epocas que fazem apparecer os grandes homens.

Estudando os dados de ordem psychologica que concorrem no estudo da historia. João Ribeiro enuncia estas proposições no sentido das idéas que estamos emitindo:

«Erro de ordem psychologica é explicar a historia pela acção dos grandes individuos: reis, chefes, prophetas, poetas, sabios, deuses, herões, etc.

Ha ahi uma inversão do phenomeno por effeito de uma visão em camara escura: em vez de julgar-se os grandes homens como productos da elaboração da sua epoca, julga-se a epoca uma obra dos grandes homens.

Assim é que se attribue á influencia de Luiz XIV o grande movimento litterario do seu reinado, quando d'uma geração antes já vinham os nomes de Molière, Racine, Bossuet e Fenelon.»

«A analyse revela quanto aos reis e os legisladores que os seus actos grandiosos resumem-se na pressão da opinião ou não são effectivos, quando não se conformam com ella. O exercito francez foi quem venceu por Napoleão, exercito nascido de uma população aguerrida, familiarizada com todas as violencia e vinda da maior e mais terrivel de todas as revoluções.

Roma, diz Polybio, em 50 annos conquistou quasi todo o mundo. E porque Roma não teve para essa conquista universal o nome de um Alexandre? A razão é que ella tinha consules annuaes; fosse ella monarchia e o rei d'esse periodo de 50

annos de energia guerreira abocanharia o titulo do maior dos conquistadores. Assim é que a acção da multidão é monopolizada pelos individuos.»

«Em relação aos grandes homens da sciencia o mesmo erro se dá em não menor grau. Diz-se que Newton, por exemplo, descobriu a lei da attracção e da gravitação universal, por um esforço excepcional do genio, sem que seja lembrado que essa descoberta devia ser feita por elle ou por outro sabio do tempo necessariamente, porque ella já havia amadurecido e estava preparada para surgir de modo inevitavel; antes de Newton, Keppler admittia a existencia nos astros de uma força magnetica e Bacon dizia que essa força «é tanto mais intensa quanto mais os corpos se approximam da terra.»

«Outro exemplo que prova serem as grandes descobertas preparadas pela collaboraço collectiva é o facto de serem muitas d'ellas feitas ao mesmo tempo por varios individuos, como a selecção natural por Darwin e Wallace, a descoberta de Neptuno por dois astrónomos ao mesmo tempo, a photographia por Niepce e Daguerre, o calculo differencial por Newton e Leibnitz, a galvanoplastia por Jacobi e Spencer, as vertebrae craneanas por Goethe e Ocken, o isolamento do oxigenio por Priestley e Scheele.

Outro genero de prova em favor da elaboração collectiva se acha nos innumeraveis exemplos de descobertas, algumas recentes, como a polvora e a bussola, feitas anonymamente, sem que se conheçam, nem conjecturem os seus auctores.

A descoberta da America que tomada isoladamente parece um rasgo excepcional de genio, prende-se ao grande cyclo de navegadores que havia mais de seculo já se tinham expandido pelo oeste Atlantico descobrindo os Açores e os archipelagos africanos.

Final ha um exemplo caracteristico d'esse erro que faz tudo depender dos grandes individuos: é a evolução d'esse mesmo erro atravez

da historia. No começo só ha os reis que são notaveis como no Egypto e na Assyria, em cujos annos não se encontra um só nome de um sabio, de um reformador, de uma individualidade excepcional fóra do throno. Mais tarde appareceram os *grandes individuos* ao lado dos reis ou dos chefes, como na Grecia e nas civilizações modernas.»

Apresentados estes principios, apontemos alguns homens que representaram importante figura na scena historica e sobre os quaes gravita a admiração universal.

Pela ordem chronologica cabe o primeiro lugar a **Moysés**. O chefe politico, religioso e militar dos hebreus, o seu legislador e guia na travessia penosa do deserto, em busca da terra de Chanaan.

Consubstanciando as aspirações do povo hebreu, tyrannizado no Egypto, elle se apresenta como o seu libertador, dizendo-se investido d'uma missão divina e consegue que o Pharaó, depois de muita reluctancia, permita a sahida dos israelitas.

Desde a passagem do Mar Vermelho até o monte Nebo, onde morre, Moysés conduz os hebreus em demanda do paiz appetecido, sustentando luctas com os povos que se lhes oppunham e mantendo sempre uma identificação de vontade com os foragidos, de quem era o chefe.

A religião fortalecia-lhe a auctoridade e o ideal da liberdade mantinha unido, n'uma legião, o povo itinerante. Moysés encarnou em si a personificação a mais completa do povo israelita, de que foi o guia e cuja indole, sentimentos e aspirações eram os mesmos que o animavam.

O papel proeminente de Moysés na sorte do povo hebreu encontra uma influencia semelhante em **Lycurgo**, com relação ao povo spartano.

Vivendo n'uma epoca em que as armas representavam papel predominante e a conquista formava o ideal das nações, Lycurgo, penetrando-se do espirito do seu tempo e das tendencias dos spartanos, seus compatriotas, procurou por uma

educação social e politica systematizada, imposta n'uma reforma, que constitue a sua legislação, preparar Sparta para repellar o ataque dos povos limitrophes. Tratou por isso de fortalecer o corpo e o espirito dos spartanos, tornando-os valentes e superiores ao receio da morte, de vivificar-lhes o amor da patria e firmar a auctoridade em bases solidas. A sua reforma que se estendeu ainda á divisão do povo em tres classes; instituição dos ephoros e do senado, eleição da Gerusia ou conselho dos senhores, etc., fez de Sparta, com o correr do tempo, a nação aguerrida e heroica, cujas armas se cobriram de gloria nas guerras da Messenia, persicas o do Peloponeso.

Na outra parte da Grecia, na Hellade, tres seculos depois de Lycurgo em Sparta, surgia **Solon** em Athenas, corporificando o clamor do povo opprimido pelos nobres e salvando a bella cidade da Attica da ruina a que marchava, dilacerada pelas facções. A constituição democratica de Athenas, temperada prudentemente pela investidura no archontado sómente de patricios, os quaes eram igualmente os unicos que podiam fazer parte do Areopago, a abolição da escravidão dos devedores, e quebra dos vinculos da propriedade estavel penhorada, e a seisachtia ou o perdão de parte dos delictos aos individuos indigentes foram a grande obra com que Solon, dando expansão ao sentimento popular, conseguiu não só impedir o desmoronamento de Athenas, como favorecer pelos efeitos salutaes da liberdade, o advento do brilhante periodo historico grego, conhecido por seculo de Pericles.

No mesmo seculo (sexto antes de Christo), na China então retalhada em muitos reinos independentes, **Confucio**, politico e moralista, fazia a propaganda das suas doutrinas de regeneração social e chegando depois em Loo, sua terra natal, a uma posição eminente na administração publica, conseguiu n'ella realizar a reforma, que debalde tinha suggerido a muitos principes dos outros

reinos. Afastado de Loo e expulso de varias côrtes, procurou o retiro, onde escreveu ou concluiu as suas obras que constituem os livros sanctos dos chinezes e a cujo influxo devem estes os progressos que alcançaram. Depois de Fohi, personagem de existencia duvidosa e a quem a tradição chinesa attribue uma multiplicidade de trabalhos, como a invenção das artes e sciencias, das armas, de instrumentos de corda, regras da musica, caracteres da escripta chinesa, a introdução na China do matrimonio e dos sacrificios aos espiritos do ceo e da terra, a divisão do ceo em grãos, a composição do calendario, o modo de ser regulado o curso das aguas e a qualidade de primeiro legislador do mundo, é Confucio o vulto de maior importancia no Celeste Imperio. Foram as suas obras, que não se revestem das côres da lenda, que tornam incriveis os factos attribuidos a Fohi, que se diz ter vivido entre os annos 3468 e 2952 A. C., que impulsionaram a grande civilização, infelizmente tornada estacionaria, d'aquelle extenso paiz.

Em outra esphera de actividade e na Grecia destaca-se no seculo seguinte a figura de **Pericles**, o heroe atheniense, que ás qualidades de guerreiro, orador e politico eminente, juntou a de um espirito aberto aos attractivos do bello e de uma civilização fulgurante. Proseguindo no movimento encetado por Cimon, firmou a grandezza de Athenas e dotou-a de sumptuosos edificios e templos soberbos, em que se revelava brilhante a arte grega, ao mesmo tempo que desenvolvia a cultura litteraria, scientifica e artistica em todas as suas formas.

A habilidade da sua politica interna e externa deveu Athenas a posição proeminente que teve na Grecia e no mar Egeo no seculo 5º da era antiga, antes do desastre da guerra do Peloponeso. Bastou, porém, essa derrota para que ella cahisse e não mais se erguesse; a civilização, porém, que Pericles n'ella cultivou e expandiu, favorecendo o desdobraimento do gosto artistico e

litterario dos gregos e o alargamento da sciencia, atravessou os seculos e depois de illuminar o mundo antigo e inspirar a renascença ao começar a idade moderna, attrae a admiração universal ainda hoje, pela sua exuberancia e fulgor.

O impulso prodigioso dado por Pericles á civilização grega, tirando todo o partido da influencia exercida nos seus conterraneos, tanto pelo meio physico, como pela religião que abraçavam e da connexão existente entre os diversos ramos da cultura humana, fez com que lhe traga o nome o seculo em que floresceu e que foi o mesmo em que viveram os grandes vultos da antiguidade; Socrates e Anaxagoras, entre os philosophos, Eschylo, Sophocles, Aristophanes, Pindaro e Euripedes, entre os historiadores, Zeuxis e Parrhasio, entre os pintores, o grande medico Hippocrates e o escultor Phidias.

A influencia de Pericles na Grecia reflectiu-se no oriente com as conquistas de **Alexandre, o Grande**. Encontrando uma nação aguerrida, cheia das glorias alcançadas por Felipe, da Macedonia, nas guerras da Thracia, da Illyria, Olyntho, na famosa guerra sagrada etc., Alexandre levou até o oriente as forças experimentadas em tantas lutas sob o governo de seu pae e cobriu-as ainda de maior gloria em novos triumphos.

O mundo antigo queria conquistas; as hostes macedonicas e gregas as ambicionavam: Alexandre as fez, pelo seu valor militar e dos seus intemeratos soldados. Valente, quanto sedento de gloria, pertinaz quanto magnanimo, politico habil quanto dotado de admiravel perspicacia philosophica, reunindo não raro a essas qualidades os excessos e defeitos da vida licenciosa, esse heroe macedonico, a quem os posterros deram o cognome de - grande-, é um dos maiores vultos da historia.

Nenhum conquistador na idade antiga levou tão longe as armas victoriosas, nem teve a alta concepção que o seu espirito gerou, de tentar pelo crusamento das raças

um processo de selecção natural, para engrandecer o porte dos gregos, de physico menos desenvolvido.

Abarcando problemas variados, ao mesmo tempo que traçava os seus planos de conquista, instituía cidades, procurava estabelecer relações de commercio entre os pontos os mais afastados e assegurava a posse dos vastos territorios conquistados, servindo-se d'uma politica tão habil, quanto generosa, respeitando as idéas e costumes dos povos submettidos, da mesma forma que após a victoria de Issus respeitara o infortunio da familia de Dario, o rei persa vencido e fugitivo.

Nomeado generalissimo dos gregos na guerra contra a Persia, depois de assignalar o seu valor na repressão da revolta de Thebas, no começo do seu reinado, mostrou-se digno d'essa escolha e assombrou o mundo antigo com a marcha triumphal das suas armas por onde passava e os louros que lhe coroaram o arrojo e a tactica nas grandes campanhas de Granico, Issus e Arbellas e na destruição das resistencias que encontrara por vezes em seu caminho.

As suas conquistas divididas entre os seus generaes, depois da sua morte, produziram o importante phenomeno historico do hellenismo no oriente, o reverse exactamente da aspiração do extraordinario guerreiro: em vez de ser a raça grega que recebesse a influencia dos povos submettidos que receberam a influencia moral dos gregos, adquirindo d'elles a elevada cultura artistica e literaria, de que a escola de Alexandria fôra um palpitante exemplo.

A cultura que ainda radiava do seculo de Pericles, apesar de abattida foi illuminar o oriente, levada pelas armas do discipulo de Aristoteles e pelos generaes que partilharam o seu imperio entre si e foram reinar no oriente.

Em Roma, onde a civilisação hellenica se reflectiu pelo contacto do povo romano com a Grecia, desde o preparo da lei das 12 taboas, en-

contra-se na phase da ruina da republica, um consul que pelas suas victorias e o papel preponderante que exerceu na *rainha do mundo*, é alvo da admiração da posteridade.

Referimo-nos a **Julio Cesar**. O conquistador da Gallia e vencedor de Pompeo, a quem perturbava a tranquillidade pelos triumphos que obtivera contra os gaulezes e a enorme popularidade que lhe cercava o nome, foi um general de alta capacidade militar, igualavel á sua alta ambição politica e audacia, para realisa-la.

Os seus feitos na Gallia e principalmente a derrota do Vercingetorix gaulez, que chefiava uma insurreicção de todo o paiz, tornaram-no um personagem dos mais illustres nas armas, reputação que elle engrandeceu passando o Rubicon e penetrando na Italia á frente das suas legiões, suplantando depois a Pompeio e os seus partidarios na Thessalia, pacificando o Egypto e coroadando com as victorias de Thapso e Munda, ainda contra rs proselytos do seu rival.

Os soldados romanos affeitos ás fadigas da guerra e desejosos de lutas tiveram em Julio Cesar consul, triumviro e dictador um representante da sua indole bellicosa e guia intelligente em arriscadas campanhas.

O dictador, porem, dirigindo-se cautelosamente para a fundação do imperio, não poudo realisar o seu ideal, cahindo sob o punhal da conjuração republicana.

Do dominio das armas passamos para um campo diverso de actividade—a palavra e do terreno da submissão das nações a um povo mais forte para o da conquista das almas.

S. Paulo, o grande apostolo do christianismo, attrae-nos por sua vez a attenção. Penetrado do espirito da religião nova, pregada pelo Martyr do Calvario, foi elle o seu maior e mais brilhante propagandista. A maravilhosa influencia exercida pelo christianismo quer no mundo antigo e quer no medieval e moderno, prende-se em grande parte

ao trabalho incessante do sublime apostolo das gentes. Pode-se dizer d'elle, pelo seu labor infatigavel na conversão dos gentios, edificação da fé nos crentes e inabalavel espirito christão, que—Christo pregou a sua doutrina e S. Paulo a diffundiu—tal é a proeminencia da sua estatura moral sobre os outros apóstolos. Expor os fructos da sua obra, é escrever a historia da influencia do christianismo na sociedade, influencia sentida nos sentimentos, nos costumes e nas idéas.

Si foi grande, porém, o ascendente da doutrina christã na civilisação do mundo e S. Paulo, pro agando-a pela forma incomparavel por que o fez, concentra na sua extraordinaria individualidade a attenção da posteridade, contribuiu por sua vez, embora por modo, differente para a expansão da civilisação e progresso, não só no mundo barbaro, como na Asia e em parte da Europa, o chefe d'uma outra religião, **Mahomet**, o fundador do islamismo.

A sua acção politica e social na Arabia, unificando-a por meio da fé e preparando-a, pela junção das forças esparsas em varias seitas, para, forte pela identidade dos principios religiosos, estender o dominio arabe pelo Oriente e Occidente, onde desenvolveu a industria, a agricultura e o commercio e fez conhecida a sua civilisação, colhida com as luzes da cultura hellenica, na comunidade de vida com os persas e os gregos, é bastante para assignalar o papel que o auctor do Koran desempenhou na marcha do progresso humano. . . . O fulgor dos kalifados de Cordova e Bagdad nas artes e sciencias e o brilhantismo que a escola de Alexandria ostentava, depois da conquista sarracena do Egypto, assim como o largo desdobramento que teve o commercio occidental da Europa com a conquista da Hespanha, Sardenha e Sicilia pelos arabes, são factos que attestam a influencia benefica exercida pelos sectarios de Mahomet, a quem se liga todo o movimento que os arabes manifestaram na via das expansões territoriaes.

Tal era a grandesa da cultura artistica e scientifica nos kalifados de Cordova e Bagdad que **Carlos Magno** mandou instruirem-se n'elles varios moços francos, para que trouxessem ao seu imperio os conhecimentos professados n'esses dois luminares da civilisação medieval.

Guerreiro ao mesmo tempo que reformador politico e social; constituido um vasto imperio com os territorios conquistados, ao mesmo tempo que n'elles disseminava para a melhora dos costumes a religião de Christo e escolas em todas as abbasias, mosteiros e episcopados; cheio de glorias e animado do desejo ardente de esclarecer o espirito do seu povo, por meio d'uma instrucção solida e fecunda; Carlos Magno mereceu pelos dotes que revelou e commettimentos que empreendeu em favor da instrucção em todo o seu imperio, em cuja capital creara a celebre *escola palatina*, que alguns escriptores de nota qualificassem de renascença o impulso que tiveram na sua epoca as letras e artes.

Conquistava para civilisar, e a realisação d'esse pensamento que dirigiu-lhe os passos e enobreceu-lhe a conducta, fal-o apparecer n'um plano eminente entre os cooperadores da grande obra do engrandecimento dos povos. As reformas que realisou, ás quaes consagrou os ultimos annos de sua existencia, affirmam a sua vasta capacidade de homem de Estado.

A igreja que com Carlos Magno viveu na dependencia do poder temporal, tendo até seus concilios presididos pelo grande conquistador, reagiu por fim e lutou não só pela sua emancipação, como pela sua supremacia ao poder civil, no tempo de Hildebrando, o celebre pontifice **Gregorio 7.º** Homem de envergadura moral superior, esse successor de S. Pedro encarnou no seu pontificado a dignidade, e a altivez, a energia e a autonomia da igreja e concebeu o projecto de a ella subordinar o poder dos reis e imperadores. A sua prohibição de investidura dos ecclesiasticos por seculares

sob pena de excomunhão e o convite que dirigia a Henrique 4.º da Allemanha para ir a Roma se justificar deante de um synodo, da rebeldia que manifestara a essa ordem pontificia, patenteiam a orientação a que Gregorio 7.º obedecia e que ainda mais se avigorou com a humilhação a que se submetteu aquelle soberano, indo á Italia para se libertar da excomunhão que lhe fôra fulminada, e isso depois que fizera decretar a deposição do papa por um synodo reunido em Worms.

Vencida a crise nacional que levara Henrique 4.º a se rojar aos pés de Gregorio 7.º, elle tomou a desforra, fazendo-o depor de novo em Brixen e occupando Roma em seguida, mas o pontificado tinha já adquirido uma grande força moral com a humilhação anterior d'esse monarcha.

A politica de Gregorio 7.º firma o ponto de partida da emancipação da igreja e de sua influencia na sociedade civil. Gregorio 7.º, como Innocencio 3.º, é um dos vultos eminentes do pontificado pela energia e altivez com que desfraldou e defendeu os direitos da igreja em frente do poder dos soberanos temporaes; foi elle tambem o pontifice que, para regenerar o clero, impoz-lhe o celibato.

Gregorio 7.º pretendeu emancipar a igreja e fundar a theocracia. **Guttemberg**, fazendo os caracteres moveis da imprensa, preparou o mais poderoso elemento da instrução e emancipação do pensamento humano.

A sua invenção, a que juntou o trabalho da prensa para o trabalho de impressão, é tão fecunda e tamanho alcance teve e continua a ter na vida dos povos, que dá-lhe um lugar de honra na galeria dos grandes vultos da humanidade.

A China, desde remota idade, já conhecia a imprensa, mas não pelo processo do exilado de Strasbourg.

O que a imprensa foi para o pensamento humano e a civilização do mundo, foi para o commercio europeu no seculo 15 e seguinte a descoberta do caminho maritimo da India.

Vasco de Gama, o audaz navegador lusitano, que seguindo a rota de Bartholomeo Dias dobrara o cabo da Boa Esperança e depois tomara a direcção do Oriente, abriu á sua patria e por meio d'ella á Europa inteira o commercio com os productos d'aquella região, que na idade media e começo da moderna, attrahiam a cupidez dos povos occidentaes. Conhecida a derrota maritima para esse paiz que a lenda cercava de mysterios, estava facilitado o accesso do oriente á civilização occidental, cabendo á Portugal, onde ainda perdurava a influencia deixada por D. Henrique, a gloria de ter sido quem descortinou o caminho para as Indias, contornando o continente negro.

Ao grande cyclo dos navegadores a que pertence Vasco da Gama, pertence igualmente **Cristovão Colombo**, o descobridor da America. Buscando *el levante por el poniente*, com a firmeza do homem que tem confiança nos seus designios, sulcou o *mar tenebroso*, deparando-se-lhe por fim a exuberante natureza americana.

O movimento da renascença que puzera novamente em voga os escriptores e artistas gregos, trouxera á tona as affirmações de Platão e Aristoteles sobre a existencia da Atlantida, confirmando a tradição já longinqua da existencia d'um paiz desconhecido do mundo culto, no meio do oceano Atlantic.

Colombo, marinheiro experimentado, que já fôra até a Gran Bretanha e á ilha da Madeira, deixou-se apossar da idea de dar um mundo novo ao velho mundo realisando a descoberta da America que tanta gloria deu ao seu nome e um jubilo indescriptivel a Fernando e Izabel, de Hespanha.

No seculo seguinte ao em que Colombo descobriu a America, **Luthero**, na Allemanha, irritado com a curia romana, queimava na praça publica um breve pontificio e dava os primeiros passos para o protestantismo, que tão larga influencia exerceu desde logo no espirito do povo germanico, e, rasgando os ho-

risontes da liberdade do pensamento, impulsionou o consideravel desenvolvimento intellectual que apresenta essa nação, que é hoje uma das mais cultas do mundo.

O lutheranismo propagado sob denominações diversas, tem actuado desde então efficazmente na emancipação e fortalecimento dos espiritos, nos povos que o abraçaram.

Não é somente, porém, no dominio religioso que a liberdade faz sentir a sua virtude: no dominio politico ella a manifesta da mesma forma, e os Estados Unidos da America do Norte nos apresentam um dos seus maiores defensores. Referimo-nos a **Washington**, o grande patriota norte-americano. Tomar parte nas lutas pela liberdade já é uma honra e uma gloria; chefial-as e, alcançada a victoria, saber resistir ás suggestões do orgulho, não dar guarida a ambição do mando supremo, facil talvez de transformar-se em facto, e, collocando acima de tudo a patria, servir-a com dedicação e raro desprendimento dos attrativos do poder, sob a sua forma mais captivante e allucinadora, é á honra e á gloria juntar o heroismo civico. Tal foi, entretanto, o exemplo brilhante que deixou na historia Jorge Washington, o camponez que, se tornando soldado da independencia do seu paiz, se conservou sempre na fileira dos defensores da liberdade, depois da independencia verificada.

Chefe d'essa campanha que teve em Lexington a sua primeira victoria e marchou certa para o triumpho decisivo com as capitulações de Saratoga e Yorkstown, Washington não se desvaneceu com os louros, como não desanimara com os revezes e, elevado ao lugar de chefe da sua nação e n'elle reconduzido findo o periodo governamental, recusou-se a aceitar terceira investidura, não cedendo d'esta vez aos rogos dos seus proprios adversarios que n'elle viam a maior segurança da ordem e da integridade nacional pelo enorme prestigio que o cercava. Antes, finda a batalha, tinha licenciado o seu exercito. Esse homem

que no campo de Marte e no governo do seu paiz foi um conjuncto de virtudes civicas acrysoladas, e que é o idolo ainda hoje do povo americano, communicou a sua alma á poderosa nação do norte, que guarda-lhe a tradição e os exemplos como sagrada reliquia.

Relata a tradição que chegara a lhe ser offerecida a corôa e que elle repellira com altivez a offerta ultrajante á sua honra de defensor da liberdade de sua patria. A mesma abnegação não teve **Napoleão Bonaparte**, a quem a revolução franceza dera ensejo de mostrar o seu genio militar, á frente da tropa bellicosa que fôra posta sob o seu commando e que o levou a victorias que o cobriram de louros immarcessiveis.

Pelas suas campanhas elle conquistou o coração da França, mas fez d'esse coração uma chaga, esmagando-lhe a liberdade. O mundo admira-lhe as qualidades eminentes de general e a fortuna das suas armas, antes da jornada de Waterloo; e a França, que elle engrandeceu com as suas conquistas, engrandeceu-se igualmente com as obras d'arte dos paizes submettidos, com que elle a enriquecia.

A sua influencia em toda a Europa foi immensa, dissimulando ella na França o confisco que elle lhe fizera da liberdade, com as glorias que o seu exercito adquiriu e a real preponderancia franceza alcançada pelo bravo corso em quasi todo o continente europeu.

Em batalhas de menor vulto, porém em causa sem duvida mais nobre do que a da preponderancia d'um paiz sobre outros, nos offerece a America Meridional um personagem legendario, em **Bolivar**, o libertador de Venezuela, Colombia, Ecuador, Perú e da Bolivia, do jugo da côrte hespanhola.

Foi o Washington d'esta parte da America e, como Washington, no seu coração a liberdade tinha um culto. Libertando a vice-realesa de Nova Granada e a do Perú e emancipando depois a parte d'esta ultima região que, em honra ao seu nome, se denominou Bolivia, elle a quem o Con-

gresso peruano conferira o titulo de libertador da patria, abriu aos povos por elle emancipados, com a liberdade que lhes conquistara as vias francas da civilisação e do progresso.

E' longa a serie dos individuos que por factos eminentes na politica, reformas sociaes e na guerra captaram a admiração universal, contando-se entre elles Pedro o grande, da Russia — o emulo de Carlos 12, da Suecia, Frederico 2.º da Prussia, o Marquez de Pombal, Garibaldi — o companheiro de Victor Emmanuel na unificação da Italia, etc. Nenhum d'elles porém, excede aos que ficaram apontados

Não limita-se aos chefes de Estado, guerreiros e fundadores de religião a esphera dos grandes vultos da humanidade: ella abrange a todos que em qualquer terreno se distin-

guiram pelo seu trabalho perseverante e util á sociedade e á civilisação, como os grandes philosophos e publicistas, os grandes inventores, etc.

Rousseau, o auctor do *Contracto social*, a obra que educou os espiritos para a revolução franceza; Voltaire que com o seu scepticismo concorreu poderosamente para a mesma obra e todos os mais personagens que exerceram na sociedade uma acção efficaç. apossando-se das suas inclinações e idéas e alargando-as na direcção do bem publico, todos elles se ordenam na vasta galeria dos grandes vultos da humanidade, de que falla o programma, tomado como epigraphe d'este capitulo.

(Do compendio escripto pelo Dr. Barbosa de Godois, director da E. Normal do Maranhão).

LITTERATURA

Analyse dos Lusiadas

POR

J. SOARES BARBOSA

CANTO V

Partidos, pois, seguiram esta derrota, navegando sempre para o Sul, deixando á esquerda a Mauritania e á direita a America, de que ainda não havia certeza, mas suspeita, como diz Camões. Passaram á ilha da Madeira e ás ilhas Canarias, chamadas antigamente Fortunatas, e chegaram á ilha de S. Thiago, principal das de Cabo-Verde, que se julga eram as Hesperidas e Gorgones dos antigos. Ellas tomaram o nome do promontorio e cabo fronteiro, formado pelo rio Senegal no principio da Guineia, chamado Cabo-Verde pela amenidade e frescura daquelle região. Foram costeando a Guineia; e, passando o cabo das Palmas e ilha de S. Thomé, que fica defronte do Reino de Lopo, ultimo da Guineia, e debaixo da linha equinocial, estando na altura do reino de Congo, se lhe descobriu a estrella do Sul.

Aqui experimentaram grandes perigos e viram prodigios nunca vistos, como o fogo de S. Elmo, e as nuvens formarem uma columna do céu ao mar e sorverem a agua. Passado o tropico de Capricornio, depois de tres mezes, desde que partiram de Lisboa, descobriram terra na costa da Cafraria.

Aqui um soldado da armada, chamado Fernão Velloso, entrou pela terra dentro a reconhecer o paiz; mas, sahindo-lhe os moradores delle

ao encontro, o obrigaram com tiros de pedras e settas a recolher-se ás naus, onde Vasco da Gama, tendo sahido a acudir-lhe, foi ferido em uma perna. A esta terra chamaram os nossos Angra de Santa Helena, e ao rio, que faz a angra, rio de S. Thiago.

Cinco dias depois de partirem daqui, uma noite, vigiando, lhes appareceu uma nuvem negra e carregada, e logo um monstro disforme, de estatura desmedida, rosto carregado, olhos encovados, dentes amarellos, pallido, medonho e terrivel; o qual, com uma voz grossa e horrenda, os reprehende da sua ousadia em passar os limites vedados e navegar aquelles mares até então desconhecidos; cominando-lhes os males e tormentos, que haviam de padecer, assim elles, como os que depois imitassem a sua ousadia; pre-diz-lhes a desgraça de Sepulveda e de sua mulher Leonor, que naquellas partes dariam á costa e seriam despojados de seus vestidos e, depois de outros males, pereceriam ambos miseravelmente. Perguntado este monstro quem era, respondeu que era Adamastor, um dos gigantes que attentaram o céu pondo montes sobre montes; mas, pretendendo os amores de Thetis, mulher de Neptuno, os quaes cuidando lograr uma vez por beneficio de Doris, em castigo se vira convert'do em um monte tão duro, a quem, para maior castigo seu, andava sempre Thetis cercando com as suas aguas. Este é o Cabo Tormentorio, ou das tormentas, assim chamado pelas muitas que, ao pé delle, pade-

cem os navegantes, agora Cabo da Boa Esperança.

Este avistaram os portuguezes aos cinco dias, depois que partiram da Angra de Santa Helena, e o dobraram; e tornando a demandar a linha que tinham passado, costeando a ponta da Africa, tomaram terra no golfo chamado de S. Braz. A gente era preta, porem mais humana no trato, pois os receberam com grande agazalho.

Daqui foram costeando e deixando o ilhéu da Santa Cruz, onde tinha chegado Bartholomeu Dias, no reinado de D. João II; ainda que por muitos perigos, pelas arrebatadas correntes destes mares, chegaram, em dia de Reis, a um rio, a que por isso deram o mesmo nome.

Aqui se refizeram de agua e mantimentos; de lá passaram ao paiz chamado Zanguebar, e, deixando atraz o reino de Sofala, o mais abundante em ouro de toda a Africa, foram abordar a uma terra, cujos habitantes eram mais civilizados que todos os que tinham visto.

Estes povos lhes disseram que ás suas costas vinham navios semelhantes aos nossos, o que causou uma tão grande alegria a Vasco da Gama, que deu áquelle rio o nome dos Bons Signaes. Antes de deixar este paiz, mandou arvorar uma columna em honra de S. Raphael, com as armas de el-rei D. Manuel. No tempo de vinte e dois dias, que se demt neste sitio, mandou dar pendore ás naus e aqui adoeceu a maior parte da gente, de que morreu não pouca. Daqui passaram a Moçambique e depois a Mombaça, onde foram mal tratados, até que em Melinde acharam um porto seguro.

CANTO VI

Despedidos Vasco da Gama e os portuguezes do rei de Melinde, com todas as demonstrações de affecto e alegria, partem guiados pelo piloto que o mesmo rei lhes deu para os dirigir á India por aquelles mares a elles desconhecidos. Já navegavam com mar quieto e vento favoravel, quando Bacho, invejoso de sua felicidade, por vêr que iam já

a descobrir o Oriente, desce dos céos, mette-se pelas aguas do mar até o mais profundo delle, para declarar a Neptuno a sua magua e pedir-lhe vingança para tanto atrevimento, como o dos portuguezes. Aqui vê um grande e magnifico palacio de crystal, em cujas portas se acham esculpidos os quatro elementos, a guerra dos gigantes, etc. Não se dilata nisto: entra no palacio e Neptuno o recebe á porta, admirado de o vêr naquelle lugar. Bacho lhe diz que a sua desgraça o trazia alli; que convocasse todos os deuses do mar; que deante de todos se declarasse, pois que o negocio a todos pertencia. Manda logo Neptuno a Tristão, seu mensageiro, convocar os deuses de todas as partes: toca a sua concha e logo á sua voz se movem todos.

Vem Oceano, vem Amphytrite, vem Nereo com todas as suas filhas as Nereidas, vem Protheo, etc. A todos juntos falla Bacho, dizendo que o interesse de todos os deuses maritimos e o seu o obrigaram a vir alli. Que se admirava como ha tanto tempo permittiam que os portuguezes, com nunca visto atrevimento, accommettessem e sulcassem as suas aguas: que por si tambem temia que, si chegassem ao Oriente, não escurecessem a sua gloria com suas façanhas; que assim pedia a Neptuno remedio a seus males. Os deuses cheios de ira, mandam promptamente a Eolo, rei dos ventos, o qual logo os solta furiosos contra a armada portugueza.

Emquanto isto se passava no palacio de Neptuno, guardavam os portuguezes os quartos da noite, bem desprevenidos do mal futuro. Para afugentar o somno, que os opprimia, relatam mil contos. Velloso contou o successo dos doze cavalleiros portuguezes, que no tempo de D. João I, convidados por doze damas inglezas, para vingar a honra e formosura do seu sexo, contra os cavalleiros de Londres, debaixo dos auspicios do rei D. João e da conducta de Alvares Gonçalves Magriço, partiram para aquella capital e, pelejando contra outros tantos ca-

valleiros inglezes, os desbarataram e venceram, ficando não menos elles gloriosos, quanto as damas satisfeitas e vingadas no ultraje, que se lhe tinha feito; ellas, com festins e preciosos dons, recompensaram o primor e valentia dos portuguezes.

Ao tempo que isto contava Velloso, eis que apparece uma pequena nuvem, signal certo da futura tempestade.

Acautelam-se; porem não foi tão promptamente, que pudessem prevenir os ventos, que, dando repentina e furiosamente nas naus, fizeram uma em pedaços, quebraram o mastro a outra e a todas puzeram n'um evidente perigo. Em tão grande aperto levanta ao céu a voz Vasco da Gama e invoca o anjo tutelar: vem logo Venus, traz consigo as nymphas formosas, coroadas de grinaldas, para com seus amores deterem e mitigarem os ventos, o que conseguido, poz-se logo o mar em bonança. Os portuguezes continuaram a derrota e brevemente se acharam deante de Calecut, cidade do reino do mesmo nome, na India que buscavam.

Continúa.

A verdadeira amizade

O famoso Dionysio, tyranno de Sicilia, condemnou um homem á morte. Lagrimas e supplicas foram inuteis; nada commovia aquelle coração de pedra.

— Dionysio, disse então o réo, quero pedir-te um ultimo favor

— Tudo te concedo, excepto a vida.

— Tenho mulher e filhos; os negocios de minha casa se acham muito embaraçados; minha familia ficará completamente arruinada, si eu proprio não fór pol-os em ordem.

— Isso é impossivel!

— Escuta-me, Diónysio; eu sou homem que cumpro com a minha palavra, si me concederes dez dias, juro-te pelos deuses que antes de terminar o prazo, ter-me-ás á tua disposição.

— Repito que não pode ser.

— Dize-me: si eu encontrar um amigo que fique em meu logar na prisão e responda com sua cabeça pela minha, dar-me-ás, ó rei, a licença?

— Sim, concedo-t'a com essa condição. Quantos dias necessitas?

— Dez.

— Si honver alguém que responda por ti, dar-te-ei vinte.

Naquella mesma tarde estava o réo em caminho da casa e um de seus amigos na prisão. Passaram-se dez, quinze, dezoito dias, chegou o vigésimo, e estava tudo preparado para a execução, sem que o verdadeiro condemnado se houvesse apresentado. Dionysio foi á prisão e encontrou o encarcerado cantando de muito bom humor.

— Sabes que dia é hoje? perguntou o rei surprehendido.

— Sei perfeitamente, Dionysio, é o vigésimo.

— Sabes a que horas dar-se-á a execução?

— A's doze.

— Sabes que horas são agora?

— São onze.

— E não temes a morte?

— Tenho certeza de que não morrererei.

— Esperas, por ventura, que eu te perdôe?

— Não; espero que venha o meu amigo, e estou certo de que virá.

Dionysio contemplou cheio de assombro a confiança daquelle homem e conservou-se mudo por longo tempo.

Souo a hora fatal. Conduziram o réo ao logar destinado á execução e Dionysio acompanhou o sequito até ao cadafalso. O verdadeiro condemnado não se apresentava.

— Esperas ainda o teu amigo? disse o rei

— Sim, espero-o.

O carrasco afiava em uma pedra a espada homicida, que devia decapitar o réo.

Nesse interim, ouviu-se uma voz que gritava: — Espera! Espera!.. É viu-se um homem que apressadamente passava por entre a multidão.

— Eil-o aqui, disse Dionysio; ti-nhas razão.

— Bem! Senhor, exclamou o verdadeiro condemnado, ajoelhando-se aos pés do rei: obrigado, obrigado pela graça que me concedeste.

Depois abraçou o seu amigo e dirigindo-se ao verdugo, exclamou:

— Aqui tens a minha cabeça: corta-a

— Não! eu te perdão, disse Dionysio, e só imponho uma condição...

— Qual?

— Sois dous verdadeiros amigos; quero que, d'ora em diante, sejamos tres.

HYMNO

Minha Patria é um paiz magestoso,
de invejavel, suprema belleza,
paraíso da paz e do goso
onde é linda a immortal natureza!

Quem procura estas plagas respira
puros climas e vê-se feliz.
Nosso céu tem a côr da saphyra.
Rico é o solo do nosso paiz.

A bandeira que temos é santa.
Nós amamos a todo estrangeiro.
Quem, aqui, sua tenda levanta,
ama o bom coração brasileiro!

Aprendamos a sciencia. Amor puro
consagremos á Patria gentil.
Liberdade — eis o nosso futuro,
eis a estrella que guia o Brasil.

O dever imperioso nos chama
ao altar sacrosanto da Escola.
Gloria ao mestre que sabio derrama
sobre nós essa luz que consola!

Eia! Entremos no templo do Ensino!
seja o nosso ideal o Saber!
Gloria ao nosso Cruzeiro divino!
Pela Patria viver e morrer!

VERA CRUZ.

NO CALVARIO

Ao Dr. Oscar Thompson.

Noite terrivel, negra. A lua ensanguentada
Somnambula a vagar empallecida e fria,
Triste como um gemido acerbo de Maria,
Surgia na amplidão etherea, anniquilada.

E Christo, o martyr, vae, — o triste Nazareno,
Levando a negra cruz, nos seus hombros já lassos.
E a sustentando a custo em seus cançados braços,
A' terra ingrata envia o seu o olhar sereno.

Chegaram ao Calvario, ao Golgotha sombrio,
E Jesus, piedoso, o mestre divinal,
Fitava o firmamento azul e sem igual,
Levantava-se, então, terrivel desafio ..

Porem a essa onda infrene, e tão impura
Jesus fitava mudo, e até com compaixão.
A'quella gente vil, sem dor, sem coração,
Ergueu a nivea tez e disse com doçura:

— « Perdoae-os, Senhor! Tende-lhes compaixão!
Não sabem os incréos o que fazem, meu Pae! »
E, ao expirar na cruz, ao seu ultimo ai,
Balbuciu: — « Meu Deus! Perdão! perdão! perdão!

IZABEL VIEIRA DE SERPA.

S. Paulo, 30—10—905.

SALVE! PATRIA!

AO MEU AMIGO PROFESSOR EUZEBIO MARCONDES

O povo era escravo do throno e do sceptro!
O mundo era tetro scenario de horrores!
Quem era mais fraco curvava-se ao forte!
Do povo era a sorte gemer entre dores!

A voz — Liberdade — vagava esquecida!
De luto vestida, de sangue manchada!
Um Deus era o oiro — no altar da cobra,
A lança — justiça! nobreza — era espada!

Eu fallo nos tempos de Roma alterosa. . .
Da Grecia famosa — triumphos ganhando. . .
Nas leis de Lycurgo. . . nos crimes d'um Nero! . . .
No tempo em que Homero cantava esmolando
O genio — na patria — vagava proscripto,
C'um sello maldicto na fronte estampado!
Soffrendo rigores. . . funestos pezares. . .
Entregue aos dezares do mais negro fado!
De Socrates fallo, libando a cicuta,
Da morte na lucta, verdades dizendo!
Do grande Terencio. . . d'um Plauto elevado!
Camões desprezado na enxerga morrendo!

Mas hoje que a aurora raiou deslumbrante,
E a luz radiante derrama fulgores;
Daquelle theatro mudou-se o proscenio:
A frente do genio tem mil resplendores!
Agora as nobrezas são outras, mui grandes,
Que sobem nos Andes, que tocam nos céos!
São magos lampejos dos astros brilhantes
Que luzem — distantes — no throno de Deus.
São menos as luctas e as feras vinganças;
Repousam as lanças, espadas e algemas;
E têm os guerreiros em novas batalhas,
No peito — medalhas, na frente — diademas.
Nós temos a imprensa por campo da liça. . .
Floresce — a justiça. . . campeia — a egualdade!
O genio — tem palmas. . . o crime — castigos. . .
Esmola — os mendigos. . . a paz — lealdade! . . .
Avante, guerreiros da nova cruzada!
Trilhaes pela estrada de cardos e dôres;
Mas, findo o seu curso, tercis o descanso
N'um doce remanso coberto de flôres!

ARISTOTELES DE SOUZA.

DIVERSOS

ABRIR ESCOLAS É FECHAR CADEIAS

A Instrução e o Crime

Ao que dissemos sob esta epigraphe, no passado numero da *Revista*, devemos acrescentar mais algumas palavras, afim de tornarmos mais clara uma proposição que emitimos.

Affirma-se que a instrução desacompanhada da educação, não evita o crime, ainda que seja a mais complexa e extensa.

Evidentemente, quem assim pensa allude á *educação affectiva, á educação moral*. Mas, esta depende, ou melhor, não é mais do que uma applicação do systema de moral predominante nesta ou naquella sociedade, o qual, por sua vez, não é mais do que uma consequencia de concepções adoptadas ácerca da organização social, da origem e destino do homem, dos seus direitos, deveres e sentimentos.

Bastará compararmos duas phases da evolução social para chegarmos a comprehender o que acabamos de dizer.

E' incontestavel, por exemplo, que a educação moral adoptada pelo paganismo é muito inferior á que resultou da concepção christã.

A educação moral obedece tanto ao principio de relatividade, está tão sujeita á lei da hereditariedade, ás condições historicas, sociaes e politicas, que um escriptor hodierno chega a firmar estes conceitos:

« Cada idade e cada nação tem certos vícios característicos que prevalecem quasi universalmente, que

a custo as pessoas escrupulosas confessam e só de leve os mais severos moralistas ousam censurar

Sucedendo-se as gerações, muda a moda da sua moral como a dos chapéus e a dos casacos; a sociedade toma sob a sua protecção qualquer outra especie de fraqueza e se admira da depravação dos seus antepassados.

Não é tudo. A posteridade, este supremo tribunal de appellação, que nunca se cança de elogiar a sua propria justiça e discernimento, procede em taes occasiões como um romano dictador, depois de uma revolta geral. Achando que são muito numerosos para serem punidos os delinquentes, escolhe alguns delles ao acaso para soffrerem a total penalidade de uma offensa em que não se acham mais implicados do que aquelles que escapam. (Macaulay). »

Com muita felicidade, assim photographa este escriptor, em poucas asserções, a evolução moral, do modo por que se tem realizado, sob os impulsos da animalidade inconsciente ou de estados mentaes mais ou menos conscientes.

A genese dos sentimentos de piedade, de compaixão, etc., diz Letourneau, facilmente se concebe. Para que um ser organizado se deixe dominar pelo soffrimento de seus semelhantes, basta rigorosamente que elle tenha *memoria*. Então, os signaes exteriores da dôr de outrem se repercutem no individuo que os contempla; evocam a lembrança dos tormentos que soffreu; revivem uma imagem mais ou menos enfraquecida.

Dahi a socorrer o ente que soffre

vai apenas um passo; é um modo generoso de se alliviar a si proprio. Segundo a *imaginação* é mais ou menos forte, a miragem da dôr é mais ou menos colorida e o *sentimento de piedade* mais ou menos vivo. »

Ora, a *memoria* e a *imaginação*, no fim de contas, são funcções cerebraes ou, si quizerem, faculdades *intellectuaes*.

Entre povos incultos encontramos sentimentos altruistas, sem que haja, contudo, subordinação moral. Taes sentimentos, além disso, se manifestam neste ou naquelle individuo, não constituindo attributo característico da maioria ou mesmo de grande parte dos que formam uma tribu ou cousa equivalente.

Assim, depois do incendio da cidade de Bali, Clapperton viu os habitantes de Koulfani, cidade vizinha, enviarem ás victimas muitos auxilios de que elles até não tinham urgente necessidade.

Uma velha, encontrando Mungo Park esfaimado, deu-lhe de comer e afastou-se sem esperar sequer agradecimento. Os habitantes da ilha da Pascoa, durante um tempo de carestia offereceram a Cook uma parte da sua escassa refeição.

Bligh fala com admiração da sociabilidade dos Taítis, cuja vida não é, de ordinario, sinão um constante divertimento.

Estes e outros factos mostram, como nos faz observar Letourneau, que, entre os homens primitivos, existem varios seres psychicos; a *vida mental* é fragmentar e os actos dependem apenas das impressões do momento.

Durante o progresso da existencia animada, escreve Spencer, os sentimentos por ultimo desenvolvidos, mais compostos e representativos, servindo para adaptar a conducta a necessidades mais remotas e geraes têm sempre auctoridade de guias superiores relativamente aos sentimentos primitivos ou mais simples, salvo o caso em que estes são muito intensos.

Esta auctoridade superior, escapando aos seres inferiores que *não*

podem generalizar, e pouco apreciada dos homens primitivos que *só dispõem de fraco poder de generalisação*, tem sido distinctamente reconhecida ao passo que a *civilisação* e o *desenvolvimento mental* que a segue tem augmentado. Experiencias accumuladas têm produzido a consciencia de que a direcção dada por sentimentos que se prendem a resultados remotos e geraes, de ordinario conduz melhor ao bem estar do que a direcção proveniente de sentimentos cuja satisfação é immediata.

Qual é, com effeito, o caracter commum dos sentimentos que nos levam á honestidade, á boa fé, á actividade, á prudencia, etc., sentimentos que os homens consideram como melhores guias que os appetites ou simples impulsões.

— São todos, responde Spencer, sentimentos complexos, *re-representativos* (dependentes de muita reflexão) que se referem antes ao futuro do que ao presente.

Vê-se, pois, que, sem a cultura da *intelligencia*, a educação affectiva ficaria estacionaria, escravizada aos impulsos do momento, irreflectida, imprevidente, inconsciente, por isso que as idéas guiam os sentimentos.

Os que ainda estão convencidos de que a instrução pôde ser a causa de crimes confundem duas cousas bem distinctas: o *estímulo*, constituido pelas circumstancias do *meio social* e por phenomenos da sensibilidade moral, sob o influxo dos quaes o individuo é impellido ao acto criminoso e o desenvolvimento intellectual, ou antes, a *educação scientifica*, que só pôde proporcionar habitos de reflectir e prever, fortalecendo ao mesmo tempo a vontade; que só leva á comprehensão exacta, correspondentemente á realidade dos factos, assim do mundo objectivo como do subjectivo.

Si dissessem que dispõem de educação scientifica quem apenas tem desenvolvido a intelligencia na leitura de romances escandalosos, phantasticos, ou que estudam casos pathologicos de idyosineracias; si arvorassem conhecimentos profissionaes ou especiaes, ou o decantado saber

lêr, escrever e contar dos tempos do *mestre-escola*, da *escola régia* e do *b, a, ba* em objecto da educação geral, necessária a todo e qualquer homem do povo, então a instrução seria um grande auxilio para os crininosos.

Em caso contrario, não; porque constitúe antes a causa efficiente de todos os progressos quando se trata da educação moral, que caminha triumphante para uma conciliação sempre mais justa e mais humana entre os direitos, deveres e interesses do individuo e os da sociedade.

Confronto da Lei 88 com as que a succederam na organização do ensino.

Deprehende-se da leitura da lei n. 88 que a principal preocupação dos legisladores de então, foi tornar o ensino no Estado methodicamente systematizado, de forma que os alumnos, cujo ensinamento fosse feito de accôrdo com os programmas relativos de uma organização escolar homogênea, recebessem, do curso preliminar ao normal, um preparo intellectual uniforme, integral.

É claro que, para que isto se desse, não se poderia admittir alterações nos referidos programmas, que não fossem feitas de forma a dosal os dentro da mesma preocupação: o ensino integral.

O espirito da lei n. 88 citada e o da lei n. 169 de 7 de Agosto de 1893, não deixaram a menor duvida sobre o pensamento do legislator, quanto á integralização do ensino; entretanto, verificámos que as conveniencias do ensino fizeram com que aquellas leis soffressem alterações em seu espirito, pelo Dec. n. 218 de 27 de Novembro de 1893, que lhe deu regulamento. Posteriormente outros necessidas da instrução publica, levaram o Poder Legislativo do Estado a decretar as leis n. 295 de 19 de Julho de 1894 e n. 374 de 3 de Setembro de 1895, as quaes desvirtuam por completo a idéa do

ensino integral, manifestada nas leis primordiaes da organização escolar do Estado.

Seria porque o legislador tivesse resolvido não cogitar mais da integralização do ensino? Não é de acreditar. Assim procedeu p r ter verificado a impraticabilidade deste com os elementos de que então dispunha o Estado e pela falta de diplomados capazes de executar o que fôra primitivamente estabelecido.

Quando me referi ao regulamento de 27 de Novembro de 1893 e sustentei o que consta dos periodos acima, não citei os arts. do mesmo, que por si sós ferem de frente a organizaçã adoptada, para não extender desnecessariamente as presentes ponderações.

Basta dizer a V. Exa. que a permanencia do exame de sufficiencia para a matricula da Escola Normal, com prejuizo do natural accesso do diplomado da escola complementar, para aquella, representa a meu ver, a confirmação do que tenho dito.

Na lei n. 374 de 1895, o flagrante desrespeito á integralização do ensino almejada e estabelecida ainda é maior.

Si as escolas complementares deveriam apenas representar o papel de intermediarias no desenvolvimento dos programmas do curso preliminar e do normal, como é que, sem alteração do ensino integral, se dava pela referida lei aos diplomados por aquellas escolas, os direitos de professores preliminares, privilegio que devia ser exclusivo dos diplomados pela Escola Normal?

As escolas complementares, pelo espirito da lei que as estabeleceu, fazem parte do ensino primario como seu complemento natural e logico.

Como, pois, facilitar, por força da mesma lei mediante uma condição insignificante, puramente pratica, aos diplomados pelos Gymnasios do Estado, eguaes direitos aos concedidos aos formados pelas escolas complementares?

As disposições citadas foram verdadeiros expedientes legislativos,

causados pelas circunstancias de momento e só determinados pela notavel falta de professores.

Quem compulsar os anteriores relatorios desta Inspectoria Geral, verificará não só o insignificante numero de alumnos diplomados pela Escola Normal depois da reforma, como tambem o elevado custo dos respectivos diplomas, o que motivou os expedientes acima citados.

A proporção que a pujante riqueza do Estado de S. Paulo trazia como consequencia o seu progresso

e augmento ext aordinario de população, a Escola Normal, no anno de 1892, diplomou, ao todo, 59 professores e 111 professoras.

Quasi igual numero diplomava a mesma escola antes da reforma, em um só anno. As regalias concedidas aos alumnos da escola complementar nos fazem cahir hoje no extremo opposto, isto é, superabundancia de diplomados.

(Do relatório apresentado ao snr. secretario do interior pelo Dr. Mario Bulção, inspector geral do ensino.)

CHRONICA EXTRANGEIRA

(DE REVISTAS E JORNAES)

REPUBLICA ARGENTINA

São da mensagem do governador da provincia de Entre-Rios os seguintes dados relativos á instrução popular naquella provincia :

Funcionaram, no anno passado, 499 escolas, sendo 2 annexas, 231 fiscaes, 15 municipaes e 247 particulares. Houve um augmento de 31 escolas com relação ao anno de 1903. A população escolar para 1904 foi calculada em 75.801 crianças. A matricula nessas escolas elevou-se a 43.329 alumnos, isto é, 2.043 mais do que a do anno anterior. Este numero representa 57,16 por cento da população escolar ou 11,35 % de toda a população.

* * *

A Associação Nacional do Professorado creou um fundo especial destinado á construcção do edificio social, votando para esse fim uma verba de 4.000 pesos, que será successivamente augmentada com 20 % das entradas brutas.

A mesma Associação nomeou seu delegado perante o Congresso Científico Latino-Americano o deputado brasileiro Gastão da Cunha.

* * *

Um numeroso grupo de directores e professores de escolas primarias dirigiu ao Congresso uma representação pedindo o augmento dos vencimentos, e esperam ser attendidos em vista das opiniões favoráveis

que se manifestam no seio do Congresso.

* * *

A directoria do Banco Escolar Argentino, próspera instituição recentemente fundada, distribuiu profusamente pelas escolas uma circular avisando que já se acha exgotada a primeira série de 5.000 acções e que, de accôrdo com os Estatutos, porá em circulação a 2.^a série desses titulos, esperando para estes a mesma acceitação que tiveram os anteriores. Solicita o concurso dos professores para a subscrição das acções da nova série e, ao mesmo tempo, faz saber que o Banco iniciou suas operações de depositos, abonando o juro annual de 2 % a um mez fixo, de 3 % a dous mezes fixos, de 4 % a tres mezes fixos, de 5 % a 6 mezes fixos. Os depositos das pessoas que não sejam accionistas perceberão 1 % menos, annualmente. Em conta-corrente paga 1 % a qualquer classe de depositantes.

MEXICO

O Conselho Superior de Educação Publica encarregou a uma comissão composta de pessoas competentes de estudar as bases para a reunião de um Congresso nacional pedagogico, determinar a época em que deverá realizar-se e os assumptos que deverão ser discutidos.

— Isto se faz no Mexico e em todos os paizes onde os poderes publicos cuidam sériamente da in-

strucção popular. No Brazil, quantos congressos pedagogicos já se realisaram ?

* * *

A excellente revista pedagogica — *La Enseñanza Primaria* — que se publica quinzenalmente na capital do Mexico, completou no mez de julho p. p. o seu 4.^o anno. Noticiando, com justo desvanecimento, este facto, assim se exprime a nossa conceituada collega : « Estamos satisfeitos com a protecção que o magisterio nacional dispensou ao nosso periodico, ministrando-lhe meios de vida e de progresso, e nisso só vemos um facto que fala mui eloquentemente em favor do adeantamento escolar do Mexico : os professores mostram já d cidida affeição á imprensa de sua classe ».

— Do numero de 15 julho, daquella revista, transcrevemos, por julgal-as interessantes, as seguintes linhas de uma carta que lhe foi dirigida dos Estados-Unidos pelo estudante mexicano Eduardo Torres : « No dia 3 de Dezembro de 1903, ás 11 e meia da noite, cheguei á populosa cidade de Chicago. A temperatura não era muito agradável, pois o thermometro Fahrenheit marcava 15 gráus abaixo de zero e minhas roupas não eram adequadas a este clima. Meu *capital* consistia em *um peso* e algumas cartas de recommendação. Quanto ao idioma inglez, eu só sabia dizer — *Good morning* e *It is very, very cold*. Entender, nada abso-utamente.

Depois de vencer grandes difficuldades, pude entregar uma de minhas cartas de recommendação dirigida ao dr. Joshua Smith; este senhor, de quem conservo as mais gratas recordações, abandonou seus numerosos negocios para ajudar-me na realisação dos meus planos.

Cinco dias depois minha situação havia mudado completamente, pois me encontrava na cidade de Evanston, na Escola Preparatoria da Uni-

versidade « Northwestern », aprendendo o inglez e trabalhando para a minha subsistencia.

Quando, com o auxilio do tempo e do estudo, principiei a entender o idioma, pude apreciar melhor as innumeradas vantagens que esta povoação offerece ao estudante.

Em Evanston o uso do tabaco é rarissimo; por ordem do governo é prohibida a venda de bebidas dentro de uma circumferencia que tem por centro a Universidade e cujo raio mede 4 milhas; tudo que póde de algum modo prejudicar a juventude é aqui desconhecido. A cidade está situada á margem do famoso lago Michigan e a 12 milhas ao norte de Chicago. Sua povoação é de 30.000 habitantes, composta em sua maior parte de gente illustrada. A Universidade conta cerca de 4.000 estudantes de ambos os sexos. Uma das cousas que chamam a attenção a todo estrangeiro, é a facilidade com que o estudante pobre ganha não sómente a sua subsistencia, mas o necessario para satisfazer as despesas exigidas pela sua educação.

Aqui o estudante, com a frente levantada, porque sabe que o trabalho não é deshonra, desempenha todas as especies de trabalhos e serviços domesticos; por exemplo : serve as mesas em casas particulares e nos restaurants, lava pratos, varre ruas, trata das vaccas, arranja as camas, varre os quartos, distribue periodicos, leva recados, lava vidraças, réga os jardins, canta nas igrejas, guia coches, monda o capim, asseia estabulos, enfim, faz tudo o que no Mexico, com pezar o digo, causaria vergonha e se acreditaria humilhado o joven da classe média da sociedade, que tentasse fazel-o.

Todas as familias de Evanston dispensam franca protecção ao joven que se instrue, e como Evanston, contam-se centenaes de povoações na grande Republica norte-americana ».

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

A séde da Associação do Professorado Publico do Estado é á rua de Santa Thereza n. 28.

Funciona, nos dias uteis, das 6 horas da tarde ás 9 da noite.

Toda a correspondencia social deve ser enviada para a caixa postal n. 183.

O presidente da Associação, sr. Arthur Breves, reside á rua Barão de Tatuhy n. 3; o thesoureiro, sr. José Francisco Marcondes Domingues, á rua Dr. Alfredo Pujol n. 1; o 1.º secretario, Antonio Pereira Baptista, á rua America n. 13; o procurador social, sr. José Theodoro Xavier Sobrinho, á rua Conselheiro Ramalho n. 174-C. São encontrados diariamente na séde social.

A mordoma do mez de Agosto, que é D. Maria Soares de Araujo, reside á Travessa da Gloria n. 12; a do mez de Setembro, D. Guiomar Torrezão, é residente á rua da Tabatinguera n. 33; a do mez de Outubro, D. Maria da Conceição Alvarenga, reside á rua do Carmo n. 32; a do mez de Novembro é D. Alice Silvina Avila de Macedo, residente á rua da Liberdade n. 86; a do mez de Dezembro, D. Catharina Ceslau de Moura, reside á rua das Flores n. 28.

Nos termos do artigo 79 dos Estatutos, a REVISTA DE ENSINO é publicada sob a responsabilidade da Directoria, sendo, porém, o presidente da ASSOCIAÇÃO seu editor responsável.

O redactor-secretario daquelle organ, nos termos do § unico do citado artigo, é o sr. professor Izidro Denser, a quem deverá ser dirigida toda a correspondencia relativa áquella publicação

Os preços de assignaturas da REVISTA DE ENSINO são os seguintes:

| | |
|-------------------------|---------|
| Anno | 10\$000 |
| Semestre | 5\$000 |
| Numero avulso | 2\$000 |

De accordo com o § 3.º do artigo 12 dos Estatutos vigentes, todos os socios quites, são considerados assignantes da REVISTA DE ENSINO, sem retribuição alguma.

Os associados pódem, sempre que quizerem, obter a REVISTA DE ENSINO, com um abatimento de 50 % sobre os preços estipulados para as assignaturas.

A ASSOCIAÇÃO não possuie mais caixa de emprestimo. Esta, não tendo dado os resultados que as directorias anteriores tinham em vista, foi fechada pela ASSEMBLÉA GERAL, em sua sessão de 31 de Janeiro findo.

A directoria auxilia com dinheiro, independente de juros, tirado da Caixa de Auxilio Condicional, aos associados quites, que estejam nas seguintes condições:

1) que tiverem direito a auxilio definitivo, nos termos dos Estatutos e delle não queiram utilizar-se;

2) que se removam de uma para outra localidade;

3) que entrarem para o magisterio e que, por isso, precisem de auxilio pecuniario para sua primeira collocação;

4) que, não estando nos casos acima, estejam todavia, em condições especialissimas, a juizo da directoria.

Fora destes casos, nenhuma quantia, por menor que seja, sahirá da caixa social, a título de emprestimo.

O associado aceito, para ser inscripto definitivamente no quadro social, deverá, dentro de 30 dias, pagar adiantadamente uma das tres prestações seguintes, a sua escolha;

1) 11\$000, sendo 5\$000 da terça parte da joia, 3\$000 de diploma e 3\$000 da 1.ª mensalidade;

2) 16\$000, sendo 10\$000 de duas terças partes da joia, 3\$000 de diploma e 3\$000 da 1.ª mensalidade;

3) 21\$000, sendo 15\$000, de toda a joia, 3\$000 de diploma e 3\$000 da 1.ª mensalidade;

Os associados quites, relativamente ás suas mensalidades, têm direito, de conformidade com o artigo 12, § 2.º de utilizar-se dos serviços do procurador social, independente de qualquer remuneração pecuniaria, para recebimento de seus vencimentos e mais negocios relativos ao cargo, mas tão somente negocios relativos ao cargo.

Secretaria da Associação Beneficente do Professorado Publico do Estado de S. Paulo, em 2 de Agosto de 1905.

O 1.º secretario,

ANTONIO PEREIRA BAPTISTA.

NOTICIARIO

“**Primeiras Leituras**” — Recebemos um exemplar das *Primeiras Leituras* do operoso educador sr. prof. Arnaldo Barreto. E' um livrinho de 108 paginas nitidamente impressas e contendo numerosas gravuras coloridas, illustrativas do texto leve e attrahente, adequado aos jovens leitores a que se destina.

Incontestavelmente, o livro *Primeiras Leituras* do prof. Arnaldo Barreto deve ser incluído no rol dos melhores trabalhos didacticos que, neste genero, foram até hoje dados á publicidade em o nosso paiz.

“**Almanak Popular**” — Temos sobre a mesa de trabalho um exemplar do excellente *Almanak Popular Brasileiro* para o anno de 1906. Já está no 13.º anno e são seus editores os srs. Echenique Irmãos & Comp., livreiros em Pelotas, Porto-Alegre e Rio-Grande.

Esta edição, como as anteriores, encerra leituras amenas, variadas e interessantes e vem ornada com os retratos de Victor Meirelles, José do Patrocínio, Izidoro Martins Junior e de outros brasileiros illustres. Agradecemos a offerta.

Fallecimentos — Com profunda magua registramos nestas columnas a nefasta noticia do passamento de tres distinctos professores, nossos consocios, tão prematuramente arrebatados aos carinhos da familia e á amizade dos collegas e amigos: — Benedicto Americo Brasileiro, fallecido a 11 de Julho, em Lorena, em cujo grupo escolar exercia o magis-

terio com rara dedicação e proficiencia; collaborou na *Revista de Ensino*, á qual emprestou o brilho do seu talento; — João Meirelles Filho, cuja morte tragica se deu a 18 de Julho, nas proximidades de Guararema, onde leccionava em uma escola isolada e gozava de geral estima e consideração; — Arnaldo da Costa Braga, que falleceu a 23 do mesmo mez, em Guaratinguetá; intelligente e trabalhador, viu-se, porém, forçado pela pertinaz enfermidade que lhe minava a existencia a deixar o grupo escolar, indo para uma escola isolada daquelle mesmo municipio.

— Tambem o nosso illustre collega e consocio sr. José Francisco Marcondes Domingues, thesoureiro da Associação, passou por doloroso golpe com a morte do seu estremitado progenitor, sr. Manoel J. Domingues, no mez proximo passado. A todas as familias enlutadas apresentamos sinceras condolencias.

Cultura physica — « O governo, no louvavel intuito de patrocinar o desenvolvimento da cultura physica nos estabelecimentos de ensino, vae escolher terreno apropriado para os exercicios sportivos dos alumnos das escolas.

E' esta uma sympathica iniciativa posta em pratica nos Estados-Unidos e Republica Argentina onde têm um forte prestigio os jogos physicos ».

Não é uma conquista exclusiva dessas duas Republicas: na Inglaterra, na Allemanha, patrias da *educação physica*, na França — são as

creanças oxygenadas em pleno ar livre dos parques gymnasticos.

Possa o nosso digno secretario do Interior prestar esse beneficio a S. Paulo!

Regosijamo-nos com essa noticia, pois foi de uma das paginas desta *Revista* que se ouviu o primeiro grito contra esse indifferentismo secular dos governos dos Estados.

Sejamos, porém, nós os primeiros a inaugurar essa reacção contra a decadencia physica dos nossos concidadãos.

Publicações

Recebemos mais as seguintes, cuja remessa agradecemos:

— *Revista do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo*, vol. IX, correspondente ao anno de 1904.

— *Annaes da Bibliotheca Publica Pelotense*, vol. 1.

— *Santa Cruz*, n.º 10, revista do Lyceu do S. Coração, de S. Paulo.

— *Revista Polytechnica*, n.º 6, organo do Gremio Polytechnico de S. Paulo.

— *Ad Lucem*, de S. Salvador da Bahia, n.º 16.

— *Gazeta Clinica*, de S. Paulo, n.º 7.

— *O Phorol*, n.º 6, do Rio Grande do Sul.

— *A Comarca*, de Mogy-Mirim, numero commemorativo do seu 5.º anniversario. Felicítamol-a.

— *La Universidad Popular*, n.ºs 3, 4 e 5, de Buenos Aires.

— *La Ensenanza Primaria*, do Mexico, n.ºs de Maio, Junho e Julho.

— *La Escuela Practica*, de Buenos Aires, n.ºs 2, 3 e 4 do tomo II.

— *Revista Didactica*, da Capital Federal, n.ºs 6, 7 e 8 do anno IV.

— *Instrução Publica*. — O relatório do ministro da fazenda fornece interessantes dados sobre aquelle importante ramo da administração em nosso paiz.

Vê-se pelas estatisticas organisadas de accordo com as informações colhidas, que, na maioria dos Estados da União, a instrução publica é quasi nulla, está por assim dizer, acephala.

A receita do Amazonas é de quinze mil contos: despende-se com a instrução publica setecentos contos de réis.

O orçamento do Pará é de onze mil e oitocentos contos: gasta-se com a instrução publica 1.156 contos de réis.

Maranhão. Orçamento, 2.700 contos de réis. Instrução publica, 364 contos.

Ceará, 2.683 contos de réis: gasta com a instrução publica 625 contos.

Rio Grande do Norte, 1.120 contos. Despesa com a instrução publica 118 contos de réis.

Pernambuco. Receita, 9.000 contos de réis. Instrução, 845.000\$000.

Alagoas, 2.089 contos. Despesa com a instrução publica, 449 contos de réis.

Sergipe, 1.539 contos. Instrução publica, 340 contos.

Bahia, 11.300 contos de réis. Instrução publica, 749 contos.

Espirito Santo, orçamento, 2.967 contos de réis: gasta 227 com a instrução publica.

O Rio de Janeiro tem um orçamento de 8.180 contos de réis, e gasta 1.167 contos com o ensino publico.

O Districto Federal, com uma receita de 24.500 contos de réis, applica ao ramo do ensino publico 4.283 contos.

S. Paulo, orçamento, 35.000 contos. Despende com a instrução publica 7.090 contos réis.

Paraná, orçamento 3.120 contos: instrução publica 436 contos.

Santa Catharina, 1.304 contos. Instrução, 155 contos de réis.

Rio Grande do Sul, 8.800 contos. Gasta 2.492 contos com o ensino publico.

Matto-Grosso. Receita, 1.721 contos. Instrução 156 contos.

Minas-Geraes. Orçamento, 17.733 contos de réis. Ensino publico, 2.526 contos.

Goyaz, 894 contos: instrução publica, cem contos de réis.

Um dos redactores d'*O Paiz* escreve que tamanha avareza contrista solennemente em confronto com os gastos superfluos ou adiaveis que se fazem.

E', realmente, para entristecer o estado de criminoso abandono da instrucção publica na maioria dos Estados.

Pharmacia Rodriues.

Esta pharmacia, estabelecida á Avenida Tiradentes, n. 42-A, avia receitas e fornece medicamentos aos nossos consocios com as mesmas vantagens já concedidas por algumas pharmacias. E' sua proprietaria a nossa distincta collega exma. sra. d. Altina Rodrigues de A. Freitas, que, tendo cursado a Escola de Pharmacia de S. Paulo, deixou o magisterio publico, para applicar a sua actividade á arte pharmaceutica.

Isto confirma as verdades expendidas no artigo inserto no presente n.º da *Revista* sob a epigrapha — *Onde o estimulo?*

« O professor só aguarda oportunidade para abandonar o magisterio e seguir outra profissão, em que encontre mais estimulos e menos dissabores. »

René Barreto e Mendes Vianna. —

No compendio de arithmetica escripto pelo professor cearense Odo-rico Castello Branco encontramos a declaração a seguir. Referindo-se ella aos dois collegas nossos cujos nomes ficam acima declinados, julgamos conveniente reproduzir a nesta secção da *Revista*.

Textualmente: « Estava terminada a impressão do 1.º volume quando veio ás nossas mãos, entre outros, um exemplar da *Revista de Ensino*, de S. Paulo, edição de abril de 1903, a qual traz á pags. 78—80 uma apreciação do sr. Mendes Vianna sobre a *Lei geral de divisibilidade* publicada pelo professor René Barreto no numero anterior da *Revista* (Fevereiro). Ou porque esta já esgotada esta edição da *Revista* ou por qualquer outro motivo, não conseguí obter um exemplar, apesar dos esforços empregados neste sentido pelos srs. Militão Bivar & C.ª, desta praça e por um amigo meu residente no Rio de Janeiro; procurando-o este nas livrarias dali e escrevendo os outros aos seus correspondentes do Rio e de S. Paulo; cumpro, entretanto aqui o dever de chamar para o referido trabalho a attenção do leitor ».

O volume em que se acha esta declaração foi publicado em 1905 (mil novecentos e cinco).

A « *Revista* ». — Afim de apressar a publicação da *Revista de Ensino*, já muito atrasada por motivos alheios á nossa vontade, damos o presente numero com 40 paginas sómente.

ANNUNCIOS

OBRAS DIDACTICAS

DO

Dr. BENEVIDES

Lições de Historia da Civilisação (2.ª) — 1 vol. cart. 5\$000; Lições de Historia do Brasil (1.ª edição) — 1 vol. cart. 3\$000 rs.; Resumo de Historia do Brasil (3.ª edição) — 1 vol. cart. rs. — Editores: N. Falcone & Comp. — A' venda, em todas as livrarias, em S. Paulo e na Capital Federal.

Apreciações da imprensa

Diario Popular — S. Paulo. « Do Dr. Sá e Benevides recebemos um exemplar das suas lições de Historia do Brasil. O auctor dividiu a sua obra historica em as seguintes partes: *Introdução*, que abrange os antecedentes historicos da descoberta do Brasil; *Tempos coloniaes*; a *Monarchia*, sob o 1.º e o 2.º imperio; e, finalmente a *Republica* — de 15 de Novembro até a presidencia do eminente Dr. Prudente de Moraes. A parte primeira está minuciosamente tratada, relativamente ás proporções do volume; a época imperial foi apreciada com o brilho da comprehensão dos elementos intellectuaes e dos factores materiaes que propulsaram outro desenvolvimento nacional; a ultima parte é uma simples resenha de factos.

E' proprio de um livro elementar, e serve para esclarecer os episodios de nossa vida nacional e as conquistas liberaes da opinião popular. »

Jornal do Commercio — Rio. « O Dr. Benevides organisou e publicou um volume « Lições de Historia da Civilisação » (1.ª edição) para uso de seus alumnos. E' uma compilação clara, que serve perfeitamente aos fins a que a destinou o seu auctor. Como compendio elementar de historia geral, é um dos melhores que possuimos. »

O Commercio de S. Paulo — « Lições de Historia da Civilisação, organisadas pelo Dr. Benevides, lente da cadeira de historia da Escola Normal. Seu auctor coordenou nesse trabalho a exposição dos mais notaveis historiadores, de modo a facilitar o estudo e melhorar as condições de habilitação dos seus alumnos. Pela rapida leitura que delle fizemos podemos affirmar que vem prestar relevantes serviços ao magisterio publico e á educação nacional. »

A Gazeta de Piracicaba — « Tem o titulo de « Lições de Historia da Civilisação » o livro recentemente escripto pelo Dr. Benevides, cujo recebimento já a *Gazeta* noticiou. Seu auctor presta com elle um significativo serviço áquelles que procuram nos bons livros um seguro elemento de preparo mental.



REVISTA DE ENSINO

Vendem-se collecções encadernadas da REVISTA DE ENSINO pelos preços seguintes:

| | | | | |
|------|-----|---|-------------------|---------|
| Anno | I | — | 2 grossos volumes | 20\$000 |
| „ | II | — | 1 grosso volume | 14\$000 |
| „ | III | — | 1 „ „ | 14\$000 |

Lições de Instrucção Civica

Pelos Profs.

Arthur Breves e Izidro Denzer

1 volume cartonado 3\$000



A' venda nas principaes livrarias



SUMMARIO

| | PAGS. |
|--|-------|
| EDUCAÇÃO AUCTORITARIA E EDUCAÇÃO SCIENTIFICA | 693 |
| QUESTÕES GERAES | |
| ONDE O ESTIMULO ?, de D. | 695 |
| PEDAGOGIA PRATICA | |
| ARITHMETICA | 697 |
| PSYCHOLOGIA — A attenção | 699 |
| NOTAS DE PORTUGUEZ, de Luiz Cardoso. | 701 |
| INSTRUCÇÃO CIVICA | |
| OS GRANDES VULTOS DA HUMANIDADE, do Dr. Godois | 704 |
| LITTERATURA | |
| ANALYSE DOS LUSIADAS, de I. Soares Barbosa | 713 |
| A VERDADEIRA AMIZADE | 715 |
| HYMNO (poesia), de Vera-Cruz | 716 |
| No CALVARIO (poesia), de Izabel Vieira de Serpa. | 716 |
| SALVE ! PATRIA ! (poesia), de Aristoteles de Souza. | 717 |
| DIVERSOS | |
| ABRIR ESCOLAS E FECHAR CADEIAS — A instrucção e o crime | 718 |
| CONFRONTO DA LEI 88 COM AS QUE SUCCEDEM NA ORGANISAÇÃO DO ENSINO | 720 |
| CHRONICA EXTRANGEIRA | 722 |
| MOVIMENTO ASSOCIATIVO | 724 |
| NOTICIARIO | 726 |
| ANNUNCIOS | 729 |